



**Instituto Universitário de Lisboa**

**Escola de Ciências Sociais e Humanas**  
Departamento de Antropologia

**O Andanças e *'As Andanças'* – um olhar antropológico sobre o espaço do festival pela perspectiva da organização e da população de Póvoa e Meadas**

Maria Elisa Guarita Rodrigues

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia

Orientadora:  
Doutora Ema Cláudia Ribeiro Pires, Professora Auxiliar,  
Universidade de Évora

Setembro, 2014

## **Resumo**

O Andanças e *'As Andanças'* – um olhar antropológico sobre o espaço do festival pela perspetiva da organização e da população de Póvoa e Meadas

Esta dissertação que inicialmente seria só sobre o festival Andanças, tornou-se numa viagem pelo espaço da Barragem de Póvoa e Meadas, onde se situa este mesmo festival. Uma viagem que vai muito para além do espaço físico, que tem como ponto de partida as memórias que as gentes desta barragem têm sobre a mesma, uma barragem que é em si um ideal de empreendedorismo, inovação, desenvolvimento e construção, um espaço que em tempos abrigou um ideal, o do Engenheiro Custódio Nunes, e que agora o festival Andanças, a meu ver, volta a trazer para este mesmo espaço, noutros moldes, mas com o mesmo objetivo de há décadas de anos quando foi construída, o desenvolvimento de uma zona situada no interior do Alto Alentejo. Neste sentido, a minha dissertação é a narrativa que o espaço do Andanças me tem vindo a contar, uma história escrita entre danças e andanças do mundo concentradas num espaço que foi e é comum a estes dois grupos de intervenientes, a organização do festival e a população de Póvoa e Meadas. Centrada nos termos espaço, memória, festival e barragem elaboro uma perspetiva antropológica sobre esta barragem que é muito mais para além do seu aspeto natural e físico, é um espaço que alberga o lazer, a diversão, e, ao mesmo tempo, ideais e memórias que eu pretendo dar conta, com o intuito de mostrar como muitas vezes o ser humano está intrinsecamente ligado ao espaço por variadíssimas formas, e que por isso devem ser respeitadas.

Palavras-chave: Espaço, Memória, Póvoa e Meadas, Andanças.

## **Abstract**

The Andanças and *'The Andanças'* - an anthropological look at the space of the festival by the perspective of the organization and the population of Póvoa e Meadas

This dissertation that initially would only be about Andanças festival, became a journey through the Póvoa e Meadas dam, where this festival is located in space. A journey that goes far beyond the physical space, which has as its starting point in the memories of the people from this dam, a place which is itself an ideal of entrepreneurship, innovation, development and construction, a space that hosted an ideal in times, the ideal of Engineer Custodio Nunes, and now Andanças festival, I believe that it brings back to this same space in a different way, but with the same goal for decades when it was built, the development of an area located within the Alto Alentejo. In this regard, my thesis is what the narrative space of Andanças festival has come to rely, written between dances and wanderings of the world concentrated in a space that was, and is common to these two groups of participants, the organization of the festival and population of Póvoa e Meadas. Centered in terms like space, memory, festival and dam I elaborate an anthropological perspective on this dam which is much beyond its natural and physical appearance, it is a space that houses the leisure, entertainment, and at the same time, ideals and memories that I intend to highlight, in order to show how often the human being is intrinsically linked to space in a variety of ways, and therefore must be respected.

Keywords: Space, Memory, Póvoa e Meadas, Andanças.

## Agradecimentos

Ao longo deste mestrado muitas foram as pessoas com quem me cruzei, que me ajudaram, encaminharam e me tornaram mais feliz, mais enriquecida, enquanto pessoa, a todas elas pretendo dar o meu devido agradecimento retribuindo-as com esta minha dissertação, oxalá se sintam retribuídas, e, enquanto estudante desta que é, para mim, fonte inesgotável de ciência, aprendizagem e experiência, a Antropologia, à qual desde logo também agradeço, pelos bons livros, pelos bons trabalhos, pelas boas investigações, pelos bons antropólogos e no fundo pelas boas conclusões a que me ajuda a chegar, que me ajudam, que nos ajudam, a Ser.

Aos meus professores, colegas e funcionários do ISCTE-IUL, obrigada pelo conhecimento, companheirismo e funcionalidade.

À organização do festival Andanças, em especial, à Ana Martins, ao Rui Leal, à Marta Guerreiro, à Graça Gonçalves, à Ana Paula Dias, e, ao Ricardo, obrigada pela disponibilidade, hospitalidade e amabilidade, obrigada mesmo. Obrigada também à Susana Carrega e à Catarina Serrazina. Ah, e, obrigada ao Monta, ao Horácio, e à Ísis.

Aos meus informantes e amigos de Póvoa e Meadas, João Carrilho, Isabel Carita (filha), Abel Dias e companheira, António Videira Louro, ex-presidente da Junta de Freguesia, Isabel Carita (mãe), João Ralo, João Sacramento, Micaela Canelas, Mercedes Flores, Palmira Caxadas, Joana Rosa Barrento, Maria José Carita, Nuno Fidalgo, esposa e filhos, trabalhadores da Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas, ao Presidente António Simão, à Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas, a Manuel do restaurante Oásis, à Isaura (mãe de Micaela), às Bordadeiras, à Câmara Municipal de Castelo de Vide, obrigada.

Aos meus amigos do 'sítio', muito obrigada.

Às minhas colegas de casa, Mariana e Mafalda, que foram a minha família em Lisboa, pela amizade, compreensão, e diversão. Obrigada, são as maiores.

Aos meus cães, Yuca, Tojó, e, ao meu gato, Woody, pela distração, diversão e carinho.

Aos meus tios. Às minhas tias. Aos meus primos. Às minhas primas. Aos meus avós, em especial, à minha avó Margarida e ao meu avô Manuel que me ensinou o quão importante é estudar, mostrando-me pela sua forma de vida o quão poderoso pode ser a arma da leitura, da sabedoria e do conhecimento. E, ainda, por à semelhança da sua imagem, eu ter percebido o quão valioso é conversar e aprender com as pessoas mais velhas, tenho de lhe agradecer por isso, porque tendo sido a maioria dos meus informantes, pessoas bem mais velhas que eu, nunca lhes tinha tido o devido respeito e reconhecido o devido valor se não o tivesse assimilado tão bem na convivência com o meu avô, por isso, e muito mais, muito obrigada, esta dissertação é também para ti, onde quer que estejas.

Ao Gaspar, que esteve sempre comigo e que me ajudou em tudo o que sempre precisei, muito obrigada, foste e és peça-chave.

À minha irmã.

Aos meus pais, obrigada, obrigada, obrigada.

À minha orientadora, Ema Pires, sem a qual não conseguiria ter trazido o barco a bom porto, o meu muito, muito obrigada, pelo profissionalismo e humanismo.

A todos, o meu muito obrigada, esta dissertação é nossa.



© Maria Elisa Rodrigues

Figura 1. João Carrilho. Barragem da Póvoa. Andanças 2013.

## ÍNDICE

Resumo.....	ii
Agradecimentos.....	iii
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Metodologia .....</b>	<b>9</b>
1.1 O método e a forma de chegar às pessoas.....	9
Observação participante.....	10
Entrevistas.....	13
Pesquisa documental.....	14
1.2 Trabalho de campo ou trabalhos de campo?.....	14
1.3 <i>Freedom</i> e Entrudanças.....	16
<b>Capítulo II – Póvoa e Meadas.....</b>	<b>19</b>
2.1 A aldeia .....	19
2.2 Memórias da barragem.....	27
2.3 A recetividade ao Andanças .....	29
<b>Capítulo III – O Andanças.....</b>	<b>33</b>
Associação PédeXumbo.....	34
3.1 Breve apontamento comparativo: <i>Freedom</i> e Entrudanças.....	36
3.2 ‘As <i>Andanças</i> (pela população de Póvoa e Meadas).....	38
Pontos negativos.....	40
Pontos positivos.....	46
3.3 Pela voz da organização.....	48
3.4 Pelos andantes.....	49
<b>Conclusão.....</b>	<b>59</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>62</b>
Anexos em CD	

## Introdução

O festival Andanças era totalmente desconhecido para mim, nunca tinha ouvido falar, muito menos participado, tal como, a Barragem da Póvoa, ou até mesmo, a aldeia de Póvoa e Meadas. No entanto, surgiram na minha vida e em mim, elucidando-a, elucidando-me. Cada um à sua maneira, mostraram-me, e é meu objetivo mostrar-vos também, como são os dois e cada um, ao mesmo tempo que local, também global, e vice-versa, através de encontros e desencontros entre uns e outros, entre os que vão e os que ficam. Estas duas formas de vir e viver (n) o mundo que na minha opinião se encontram a propósito do Andanças e que eu me proponho narrar. Os encontros e desencontros do conceito do Andanças, da PédeXumbo com a vida e a população da aldeia de Póvoa e Meadas a três quilómetros da Barragem da Póvoa.

Interpretar o espaço cultural e social do festival Andanças, segundo aquilo que motivou a organização do festival a escolher esse espaço para fixar e continuar a desenvolver o Andanças, é o ponto de partida desta dissertação. Isto é, de que forma os ideais do festival vão ao encontro dos ideais descobertos nas memórias dos habitantes de Póvoa e Meadas com quem conversei e trabalhei ao longo da minha pesquisa. Memórias que me foram reveladas, no programa denominado 'Memórias da Barragem', incluído na programação do Andanças 2013, no penúltimo dia de festival, e que consistiu numa conversa aberta onde se pretendia falar da barragem da Póvoa, que agora se tinha tornado o palco do Andanças, moderada por Ema Pires, com trabalhadores da barragem, habitantes de Póvoa e Meadas, pessoas pertencentes a uma associação de Nisa, relacionado com a barragem da Póvoa, curiosos e participantes do Andanças, onde ficou claro pelo tom, pela emoção no discurso de todos eles, a importância que a Barragem da Póvoa tem nas suas vidas, ou, porque trabalharam lá, viveram lá, cresceram a ir à barragem, entre muitas outras razões, há um carinho e uma estima incrível por estas pessoas em relação à barragem. E, saber que agora um festival como o Andanças tinha encontrado sítio com uma carga emocional como esta, despertou-me o interesse em saber como é que iria ser construída esta relação entre a organização do festival Andanças e a população de Póvoa e Meadas, sendo que as duas agora identificam-se com um mesmo espaço, o da Barragem da Póvoa. Foi esta constatação de que a barragem que agora acolhe o Andanças tem um significado muito particular para as pessoas desta aldeia que me fez querer saber como viriam a ser os encontros entre estas pessoas de Póvoa e Meadas e a organização do Andanças.

Surgindo assim a seguinte questão, como é que um festival como o Andanças é de tal forma global e ao mesmo tempo local, que consegue a partir de uma viagem sensorial das danças e músicas tradicionais do mundo alertar-nos para as memórias coletivas e individuais de um drama social como aquele identificado nos habitantes de Póvoa e Meadas em relação ao significado, valor e ideal que a Barragem da Póvoa tem para eles. Demonstrando como é incrível que um espaço possa gerar estes encontros culturais e sociais entre pessoas concretas que cruzam espaços. Isto é, o espaço onde agora o festival Andanças se instalou, é também o mesmo espaço que em tempos foi resultado do ideal de um homem, de uma comunidade, de uma região, um ideal que não se perdeu,

## O Andanças e 'As Andanças'

mas que foi transformado, aquando a privatização da barragem para a EDP, mas que volta a ver possível concretizar e manter esse ideal noutro tempo, noutros moldes, com outras gentes, mas também para as mesmas gentes. Quero dizer, a barragem que em tempos albergou o ideal do Engenheiro Custódio Nunes de modernizar e colocar a sua região, o Alentejo interior no mapa, na modernidade, no desenvolvimento, é agora a mesma barragem que parece ideal à organização do festival para albergar os quatro pilares estruturadores daquilo em que consiste o Andanças, entre outros fatores, como o objetivo do festival ser feito num sítio interior, desertificado, com o intuito de com o festival levar pessoas para esse mesmo sítio, tornando-o num local global de ofertas e oportunidades, desenvolvendo o local.

Este espaço da barragem é agora um lugar para o festival Andanças, por variadíssimas razões, entre elas a própria escolha desta barragem e de não outra, já fez com que à partida houvesse uma relação de proximidade e sintonia entre o próprio espaço e a organização do festival, para além, de que por todos os processos de construção deste festival neste espaço e suas ideologias, já contribuí para o título de lugar. É esta forma de como se articulam as duas num mesmo lugar que dá conta da minha problemática, lugar enquanto Marc Augé (2005) o define, ao explicar que um espaço se torna um lugar, um lugar que é inventado, quando por aqueles que o descobrem se apoderam dele, de questões de território, de espaço físico, do espaço que se torna lugar porque o vivenciam e experienciam, tornando-se assim, um lugar antropológico.

Demonstrando como é que um festival (Andanças) e um grupo de habitantes de uma aldeia alentejana (Póvoa e Meadas), revelam tanto a propósito da interpretação e vivência de um mesmo espaço, que neste caso é a barragem e que tem o significado que tem enquanto lugar para a comunidade e outro para a instalação (temporária, e ao mesmo tempo permanente) que é o Andanças, utilizo a explicação que Michel De Certeau (1998) dá ao espaço, quando argumenta que só se torna efetivamente um espaço quando vivenciado e um lugar torna-se num espaço quando usado, potenciando-o e atualizando-o, tornando-se um lugar praticado, assim que é ocupado, pois é, imediatamente ativado e transformado. Semelhante ao que Augé refere. Contudo, a inovação de De Certeau (1998), é o fato dele distinguir aquilo que transforma um lugar praticado e um espaço em lugar, um lugar praticado é um espaço que ganha significado e se atualiza por meio de um grupo, de um coletivo de pessoas que o habitam e o praticam. Afirmando que a palavra espaço ao ser proferida é automaticamente atualizada, comparando assim o espaço à palavra e o lugar à enunciação.

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.» (De Certeau, 1998: 201)

Contudo, um lugar pode transformar-se em espaço e um espaço num lugar, como, por exemplo, a partir do « (...) despertar de objetos inertes (uma mesa, uma floresta, uma personagem do ambiente), que saindo de sua estabilidade, mudam o lugar onde jaziam na estranheza do seu próprio espaço.» (De Certeau, 1998: 203), como, é o exemplo da Barragem da Póvoa. A barragem é efetivamente um lugar para os habitantes de Póvoa e Meadas, pelas memórias associadas a esse espaço que foi deles, e mesmo quando já não é (quando a Barragem é privatizada pela EDP)

## O Andanças e 'As Andanças'

continua a ser deles e a fazer parte integrante daquilo que são as suas vidas, pelas memórias que lhe estão associadas, construídas através de variadas experiências e vivências.

Porém, sobre o conceito de lugar Ricardo Seiya Salgado (2013) sugere dois novos termos, *habitat de significado* e *habitat não-significativo*, para contrapor os de Marc Augé, *lugar antropológico* e *não-lugar*, que eu vou referir, pois sinto que a noção de *lugar* e de *não-lugar* de Augé é insuficiente para este estudo de caso.

O *habitat de significado* tem que ver com todos os lugares onde se esteve e que fizeram sentido de tal modo na sua vida, que eles próprios inscreveram-se nela, tem que ver com a identidade, com a nossa identidade, que ele denomina de *lugar habitado*. Por sua vez, o *habitat não-significativo*, tem que ver com os lugares por onde passamos que não escolhemos e com os quais não nos identificámos. Sendo assim, o *habitat de significado* é o que se configura naquilo que Augé define como *lugar antropológico*, e o *habitat não-significativo*, como explica o autor apesar de ser maioritariamente ausente na pessoa, porque a mesma não se identifica, pode ter ecos na vida da pessoa, no sentido em que, uma decisão tomada no processo mudou ou podia ter mudado o percurso da vida da pessoa. Ao conjunto de vários *habitat's de significado*, o autor chama de *ilha de significado*, que, por sua vez, integra vários *habitat's de significado*, e que possui um contexto específico, um espaço que participa na identidade pessoal, nem que seja, numa das suas dimensões. E, esta é uma, a meu ver, das mais-valias que o termo de *habitat não-significativo* possui que a do termo *não-lugar* de Augé (2005) não possibilita, e que o autor sugere, a vantagem de que o termo *habitat-não significativo* não inviabiliza a realidade sociocultural.

Por sua vez, o *habitat de significado* constitui-se daquilo que o autor chama de *mapa topográfico de significado*, e que se constitui num processo dentro de um determinado lugar que agrega a nossa memória, a nossa história e o pensamento. Ou seja, é constituído por espaço físico e por significado, que contém o modo de operar, a forma de conectar e a estratégia de relação, portanto, aquilo que constitui a nossa percepção do mundo e dos outros, aquilo que guia a nossa vida, é no fundo, tudo aquilo se constitui pela forma como uma pessoa se constrói, isto é, os métodos e estratégias que incorpora e dos quais faz usos para se relacionar. O *habitat de significado* tem de ver com o conceito simbólico e afetivo da produção de identidade pessoal. O que quer então dizer que já não faz mais sentido falar de *não-lugares*, atualmente, pois hoje em dia o que aparentemente pode ser um *não-lugar* pode ser também um lugar onde seja conferida uma identidade, um lugar relacional e histórico, para algumas pessoas, para alguns *habitat's de significado*, já que, como tem sido já evidente, os espaços são transnacionais, uma vez que os seus intervenientes também o são. Estes *não-lugares* são territórios ricos no que diz respeito à produção de identidade, daí que ele sugira que possam ser denominados de lugares, uma vez que é possível *ilhas de significado* situarem-se ali e que podem demonstrar-se de determinada e significativa importância cultural. Portanto, o que se sugere é então que se pense em *não-lugares* como *lugares* de zona ambígua, que não se conectam, e que possam ter alguma réstia de existência sociopolítica, mas que, podem conter a produção de *habitat's de significados* singulares. E, neste sentido, encaro a barragem como *habitat de significado*



## O Andanças e 'As Andanças'

para os habitantes de Póvoa e Meadas e um *habitat não-significativo* para os participantes do Andanças.

Agora é importante assumir o espaço da barragem como categoria instável, tal como, Silvano e Tamaso (2013) sugerem ao contrário daquilo que parece à partida ao assumirem que o lugar é uma categoria instável, uma vez que, a mesma resulta de uma constante negociação entre diferentes grupos, o que é reflexo da emergente circulação e movimentação no globo de pessoas, bens e valores, a propósito da globalização, mas também por outros inúmeros fatores, entre eles, a procura de emprego no estrangeiro, os refugiados, os turistas, entre muitos outros, tal como, a negociação para a utilização de um espaço como o da barragem. Daí que, este processo de definição de lugar e espaço seja tão complexo e revelador da atual conjuntura mundial em muitos ou em todos os fatores, já que no fundo é uma movimentação de culturas e identidades também, tratando-se assim de um espaço transnacional.

Setha M. Low e Denise Lawrence-Zúñiga (2003) propõe várias noções de *espaço*, entre elas, a noção de *inscribed space* e *transnational space*, que também me parecem ser pertinentes na construção desta dissertação e que provam que todo o comportamento é localizado e construído a partir dos e com os espaços, o que permite a multiplicidade de espaços transnacionais que atualmente existem e que precisam de ser estudados pela complexidade de contextos culturais que carregam em si, pois os seus intervenientes, como já antes tinha referido, são também eles transnacionais. O caso do Andanças é assumido nesta dissertação como um exemplo disso mesmo, uma vez que, que ganhou e continua a ganhar sentido ao incluir os múltiplos e variados contextos culturais e sociais. E, é exceção quando o faz através da música e da dança em espaços onde um acontecimento de tamanha envergadura jamais aconteceu, é, por isso, não diria caso único, mas caso exemplar, pelo sucesso da produção do mesmo.

*Inscribed space* é definido como sendo um local que carrega relacionamentos significativos entre quem os ocupa com o local ocupado, o que dizem os autores remeter para ideia de que nesses locais esteja embutida a experiência que nos leva às lembranças das pessoas e dos eventos. Logo, a minha pressuposição é a de que o Andanças seja um *inscribed space* não no sentido literal do local físico onde é realizado o Andanças ter marcas culturais e sociais muito profundas do festival Andanças, pois o local muda e mudou, mas, no sentido, de sendo o Andanças um espaço, que atrai pessoas de todas as partes do mundo que muito provavelmente não se encontram umas com as outras diariamente ou frequentemente, carrega consigo uma identidade própria que faz dele um *inscribed space*, que ainda que não se possa ver e delimitar concretamente fisicamente, ele tem o seu auge no festival Andanças e em todos os outros 'mini-Andanças', como, por exemplo, no Entrudanças. Isto é, o que pretendo argumentar é que o Andanças carrega consigo um espírito particular que durante uma semana é concretizado fisicamente, mas que também durante todo o intervalo entre um festival e outro é reinventado e revivido com os 'mini-andanças' e até mesmo com e pelos próprios *andantes*. Citando Marc Augé, para concluir o que quero explicitar é que "(...)(as origens do grupo são muitas vezes diferentes, mas é a identidade do lugar que as funda, reúne e une) (...)" (Augé,

## O Andanças e 'As Andanças'

2005: 51). *Transnational space*, são criados pela mobilidade das pessoas que atravessam fronteiras não apenas atravessando o seu corpo físico, mas todo o seu conhecimento social e cultural, colocando na plataforma global e móvel novas práticas culturais que por sua vez constroem identidades, criando assim fluxos de pessoas, culturas, capital, poder e conhecimento, quase impercetíveis de tão rápidos que são. Ora, neste sentido, o festival Andanças parece-me ser claramente um *transnational space*, pois é um espaço criado de pessoas, culturas e saberes de todas as partes do mundo, um espaço de mobilidade e experiências que fazem e constroem o Andanças.

Outro facto a ter em consideração nesta dissertação é o papel fulcral da barragem, mesmo sendo um espaço inerte. Como exemplifica, Elsa Peralta (2008) que trabalhou sobre a identidade social do grupo a que se refere no seu livro que é fortemente marcada e influenciada pela relação que têm com o mar, e que me parece interessante no sentido em que, a meu ver, um paralelismo pode ser feito no caso de alguns dos meus informantes de Póvoa e Meadas, pois estes também têm uma relação privilegiada e forte com a barragem. O que realmente faz pensar no papel fulcral e surpreendente de espaços inertes, como é, por exemplo, o caso do mar e o da barragem, que conseguem criar grupos de pessoas que se interessam por estes, muito mais para além de razões económicas e políticas, mas sim por questões emocionais. No caso da Barragem da Póvoa, as pessoas mantêm uma ligação de proximidade emocional com a barragem muito forte, para muitos, porque faz parte das memórias de infância, para outros, porque é um marco de orgulho da aldeia e para outros porque foi o local onde trabalharam toda uma vida. E, é por isso mesmo que as memórias subsistem, quando «(...) fazem parte de um conjunto de valorações e aceções que são comuns ao grupo, devendo, por isso, ser entendidas como propriedades estáveis e coerentes que correspondem a padrões apropriados que são mantidos coletivamente.» (Peralta, 2008: 90) Relembrando-nos para o valor que espaços inertes têm no ser humano e que me deixa por isso muito mais sensível a este facto em qualquer outra comunidade que no futuro possa vir a estudar, para além de que percebi que a memória tem um papel muito mais importante, do que aquele que é só usado para os processos de patrimonialização, que, como refere, Barbara Misztal (2003) nos quais existe uma tendência global sobre a memória nas sociedades contemporâneas que tem de ver com o facto de que se apela à memória nos processos de patrimonialização, a maioria das vezes sem conteúdo, justamente, porque se o faz apenas para fins lucrativos. E, no caso da Barragem da Póvoa, cuja responsável pela mesma é a EDP, já assumiu que esta se encontra pronta para ser musealizada. Não quer dizer que quando a patrimonializarem o processo da mesma não venha a ser devidamente apoiado e consistente no que tem a ver com a memória do lugar, a verdade, é que neste caso, há uma quantidade enorme de registos mnemónicos recolhidos por mim e por outros colegas, tanto orais, como fotográficos que não podem ser esquecidos, num processo de tamanha sensibilidade afetiva para as pessoas que conferem um carinho especial a esta barragem apelando à memória, às memórias.

Maurice Halbwachs (1968), que tornou como objeto de estudo de investigação nas ciências sociais, a memória, argumenta que é a organização material do espaço, que garante a manutenção e transmissão da memória do grupo, no sentido, em que o espaço é moldado pelo grupo, e o grupo

## O Andanças e 'As Andanças'

pelas características inerentes e materiais também se molda ao espaço, e porque o espaço fixa as características do grupo. Logo toda a memória coletiva de um grupo desenvolve-se num quadro espacial, tal como, acontece com a barragem da Póvoa. Daí surgir nesta dissertação o conceito de memória, pois é a memória a única neste caso da barragem da Póvoa que nos possibilita aceder ao valor emocional e fulcral que a mesma tem para os habitantes de Póvoa e Meadas.

No espaço social estão as reminiscências de um povo, é uma parte constitutiva das experiências e memórias. Memória da própria paisagem, produto da história local que constitui um referente desta carregado de sentidos, para os discursos evocadores de cada classe, para a sua identidade social e para as recordações dos indivíduos. (Sobral, 1995: 297)

Memórias que nos dirigem a um drama social, que surgiu a propósito do Andanças e que me levaram a considerar dois dos três substratos simbólicos apresentados por Alfredo Teixeira (2010) relativamente às festividades religiosas que me parecem também poder ser aplicadas ao caso do Andanças, não os três, mas dois deles, interpretando-os à luz do que é o Andanças (ideal, conceito e pilares), mas também à luz do que é a barragem da Póvoa e de como a comunidade de Póvoa e Meadas recebeu e recebe o Andanças. Que são elas «(...) a festa enquanto operador de regeneração social» e «(...) a força emblematizadora dos recursos festivos em ordem à manutenção das referências que permitem a identificação da experiência coletiva.» (p.57) Uma vez que, é a própria festa segundo o autor que exige a organização da memória, já que com esta descobre-se um drama social que nos leva à descoberta da narrativa da memória de origem da comunidade. (p.58) E, neste caso, a festa foi o Andanças, através do qual tivemos acesso à história social e cultural que existe sobre e pela barragem muito para além da história da sua construção.

«(...)o espaço é constituinte, limitador e mediador do social » (Gama, 1992: 167)

Pistrick e Isnart (2013) propõem dois conceitos, *landscapes* e *soundscape*s, considerando o som como sendo uma parte essencial da estética e também afetiva de um lugar, o que influencia a forma como os lugares são experimentados sensualmente por nós, e, lugar como um determinado local onde se interconectam um conjunto particular de relações sociais, um espaço que carrega consigo vários significados, os que foi ganhando ao longo do tempo, entre o passado, o presente e o futuro, através da experiência humana, da memória e da imaginação, tornando-se assim um lugar, que é feito por nós, mas que também nos faz, ao mesmo tempo. O que quer dizer que são culturalmente moldadas e pontos de referência simbólicos para os seres humanos, daí que façam parte do nosso quotidiano, pois reforçam a nossa perceção do mundo, mesmo inconscientemente.

O espaço da Barragem da Póvoa é por isso assumido nesta dissertação, após o trabalho de campo como um lugar, tanto para a comunidade de Póvoa e Meadas, como para o festival Andanças, no seu conjunto, organização, participantes, voluntários e entidades oficiais e responsáveis, sendo que aqui para a primeira esse lugar é um *habitat de significado* e para a segunda um *habitat não-significativo*, como já antes haveria referido. «Place is considered here not as a static entity but as a cultural process, as a continuously defined and redefined point of reference which may be both real and imaginary. » (Pistrick & Isnart, 2013: 505) Mostrando também como é real, a sugestão de Pistrick

## O Andanças e 'As Andanças'

e Isnart quando falam na ideia dos sons, serem parte de um fluxo global, em particular, sons do mundo, isto é, músicas do mundo, já que encontram em vários e novos contextos um novo lar. O festival Andanças é característico, por isso mesmo, pela música e dança do mundo, que faz circular e circular em todas as iniciativas, entre elas, o Andanças, promovidas pela Associação PédeXumbo. É, por isso, exemplo concreto de um contexto que pelas sonoridades mundiais, juntamente, com as memórias reais e imaginárias passadas, presentes e futuras da comunidade de Póvoa e Meadas, tal como, as recentes de todos aqueles que se envolvem e participam no festival, ganha significados e símbolos conferidos ao espaço tornando-o um lugar, onde duas realidades distintas, um festival de dança e música tradicional do mundo e uma comunidade do interior alentejano se encontram num espaço que é lugar para as duas, ainda que por fundamentos distintos. Uma pela história, estórias, memórias e experiências de tempos passados que lhe confere uma relação afetiva com o espaço, e a outra pelas experiências, memórias e estórias de tempos presentes e futuros, a propósito do som e da dança, num espaço que se tornou lugar, a propósito da relação sensorial com o mesmo e com os mesmos. O que nos deixa ao mesmo tempo que certa, incerta a noção de lugar através do som, porém, por enquanto, parece-me poder dizer que é certo o papel que o som confere ao espaço da barragem. Pistrick e Isnart (2013) sugerem que é no momento da performance que é possível descobrir a ligação entre o espaço, o som e as memórias, evidente nas interações sociais que se procedem nesse momento. Momento que identifiquei como sendo a altura em que o festival Andanças acontece, precisamente no espaço da Barragem de Póvoa e Meadas, o momento onde ficou claro o potencial do lugar como lugar.

Assim sendo, partindo do que já conhecemos sobre memória, espaço e lugar, passo então a definir os objetivos desta dissertação. Demonstrar as razões pelas quais assumo que o Andanças se revelou um “regenerador social” e uma “força emblematizadora” através do recurso festivo para garantir uma experiência de memória coletiva, o *drama social*. De que forma a memória serve de processo para garantir esta experiência que eu assumo existir nos habitantes de Póvoa e Meadas, identificar a experiência da memória coletiva nos habitantes de Póvoa e Meadas e no festival Andanças. Justificar porque é que a barragem é um *habitat de significado* para os habitantes de Póvoa e Meadas e um *habitat não-significativo* para o festival Andanças, tal como, porque é que o assumo um espaço transnacional.

Neste sentido, a dissertação está organizada em três capítulos que visam dar respostas aos objetivos acima referidos. No primeiro, sobre a metodologia usada para fazer o trabalho de campo que tive de realizar para construir esta dissertação, dou conta dos métodos que escolhi usar e de que forma os usei, uma vez que, nem todos os métodos utilizados foram tal qual como manda a regra, usados por mim, por variadas razões que só dando-lhe espaço na escrita desta dissertação onde pudesse esclarecê-las e justificá-las fazia sentido para mim, para além de que houve algumas escolhas de trabalhos de campo como o que fiz no *Freedom* e no Entrdanças que precisavam ser deixadas definidas para que faça sentido também ao leitor perceber porque surgem numa dissertação que fala sobre o Andanças.

## O Andanças e 'As Andanças'

O segundo capítulo, é inteiramente dedicado à aldeia de Póvoa e Meadas, em especial aos habitantes da mesma, onde falo sobre a aldeia, incluindo informações sobre de que serviços e associações dispõe, falo das *memórias da barragem*, porque, efetivamente, foi esse o ponto inicial que deu origem a esta dissertação mas também porque ajuda-nos a perceber o significado e o valor que a Barragem da Póvoa tem para os habitantes de Póvoa e Meadas o que me levou depois a encontrar paralelismos entre o significado que este espaço tem para estes e para a organização do Andanças. Finalizo com o registo das expectativas que o Andanças despertou aos habitantes de Póvoa e Meadas, daí o subtítulo denominado 'A recetividade ao Andanças'.

Já, o capítulo três é inteiramente sobre o Andanças, contudo, O *Freedom* e o Entrudanças voltam a surgir neste capítulo, porque também era preciso dar-lhes espaço na dissertação para apresentar resultados do trabalho de campo que fiz nestes mesmos sítios, já que estes me elucidaram acerca de como conduzir e melhorar o trabalho de campo no Andanças, para além de muitas conclusões e comparações que só com estes dois momentos de trabalho de campo me foi possível identificá-los. Também dar conta de todas as visões que conheci do Andanças, neste caso específico, por três grupos de pessoas, os habitantes de Póvoa e Meadas, a organização do Andanças e os participantes do Andanças, que chamo de andantes, era essencial que é a partir daqui que encontro as hipóteses para justificar a razão pela qual a barragem é um *habitat de significado* para os habitantes de Póvoa e Meadas e um *habitat não-significativo* para os participantes e organização do festival Andanças. Estes são os três grupos de pessoas que eu defini, mas a verdade é que podiam não ter sido estes, porque havia a possibilidade de identificar outros grupos no público do Andanças, já que é muito diversificado e amplo, contudo, estes são os que para este trabalho fez sentido, para mim, definir e discutir, já que é sobre eles e também para eles que construo esta dissertação.

Por fim, na conclusão, depois de feito o percurso pelos três capítulos anteriores, com o capítulo dois e três, uma vez que, é nestes que eu explico como a barragem e o Andanças significam para os habitantes de Póvoa e Meadas e para a organização e participantes do Andanças. Após as pistas lançadas é então na conclusão que apresento todas as conclusões a que cheguei através dos caminhos utilizados ao longo da escrita desta dissertação que nos leva ao destino a que me propus quando construí a minha dissertação, os diálogos entre a organização do Andanças, seus participantes e os habitantes de Póvoa e Meadas sobre um mesmo espaço, a Barragem, que nos fazem repensar o conceito de apropriação social dos espaços, de memórias e de tipo de espaço social que neste caso é o estudo antropológico do festival.

«(...) um sujeito presente num lugar tem tendência a fazer dele um espaço de pertença(...)» (Silvano, 1997: 6)

O Andanças e *'As Andanças'*

## Capítulo I – Metodologia

### 1.1 O método e a forma de chegar às pessoas

Quando tive de me preparar e preparar o trabalho de campo que precisava fazer na tentativa de encontrar respostas às perguntas que deixei em aberto e que conduziram todo o meu trabalho, porque é assim que funciona a antropologia, e, no fundo, todas as ciências, sejam elas naturais ou humanas. Se há algo que nos intriga então vamos procurar, até encontrar a resposta, ou as respostas. Pois bem, foi isso que também eu fiz. Numa primeira parte, e de uma forma prática, comecei por pensar com quem seria preciso falar, com quem fazia sentido falar, em que momentos seria oportuno falar, antes, durante ou depois do festival, chegando à conclusão que havia identificado ter três grupos de pessoas, ao mesmo tempo, que, inconscientemente, eu mesma estava a formar esses mesmos grupos, o da população de Póvoa e Meadas, que, evidentemente em tão curto espaço de tempo, não inclui todos os habitantes da mesma, já que era inviável falar e tratar todos os dados e informações se tivesse conseguido falar com toda a gente da aldeia e isso não aconteceu, nem era suposto acontecer. Tendo então decidido falar com um número reduzido de pessoas, que são as que constituem, portanto, o que eu defini nesta dissertação, como a população de Póvoa e Meadas, entre elas, João Ralo, João Carrilho, António Videira Louro, Abel Dias, Micaela Canelas, Isabel Carita (mãe), Isabel Carita (filha), António Simão (Presidente da Junta de Freguesia de N. S.<sup>a</sup> da Graça de Póvoa e Meadas), Manuel (Restaurante Oásis), Joana Rosa Barrento, Nuno Fidalgo, Maria José Carita, Mercedes Flores e Palmira Caxadas. Quando cheguei a Póvoa e Meadas, já antes Ema Pires e Ana Teresa Real tinham lá estado, a fazer trabalho de campo, logo, quando eu cheguei à aldeia eles já sabiam que eu iria chegar para falar também com eles, esforcei-me para falar mais com outras pessoas com as quais ainda as minhas colegas pouco tinham falado, para além de que os meus interesses passavam por outros não necessariamente iguais aos da Ana Teresa Real, que tendo feito trabalho na aldeia com as pessoas da aldeia, nada tem a ver com aquele que eu fiz com as pessoas na aldeia, o meu incide sobre o que elas acham do Andanças e da sua aldeia, já o da Ana Teresa é praticamente centrado na Barragem da Póvoa. Desta forma, fui criando este grupo de pessoas, através de passeios a pé, das muitas visitas que fiz à junta de freguesia, onde trabalha precisamente Micaela Canelas e onde encontrava também frequentemente o presidente, nos convívios das bordadeiras às quartas e quintas, nas idas ao restaurante Oásis, nos passeios pelas ruas da aldeia e nas sessões de esclarecimento sobre o Andanças em Castelo de Vide e em Póvoa e Meadas. Tendo criado assim, um grupo que se torna grupo, precisamente, porque o que os liga é o facto de serem residentes na aldeia de Póvoa e Meadas, mas também, o facto de todos eles terem sido em alguma altura meus informantes.

O outro grupo é o da organização do Andanças, e não é bem um grupo, já que quando me refiro à organização do Andanças, estou-me a referir em grande parte à maioria das informações dadas pela porta-voz do Andanças e da Associação PédeXumbo (PX), Ana Martins, o que faz todo o sentido, pois sendo muitos os membros da PX, era pertinente, definir com quem queria e podia falar, já que são vindos de todo o país e que se juntam não com tanta frequência assim, que me facilitasse

## O Andanças e 'As Andanças'

o encontro com eles. E, por falta de mais tempo e disponibilidade, decidi então que a organização do Andanças seria representada também nesta dissertação, por Ana Martins. Daí que a maior parte de informações dadas pela organização do Andanças e de que dispus para fazer esta dissertação sejam não do grupo da organização do Andanças, mas de Ana Martins, que não fala em seu nome, mas em nome da organização.

Por fim, o último grupo, é constituído por aquilo a que chamo andantes, os participantes do Andanças, que, mais uma vez, claro está, não são todos os participantes do Andanças, mas todos aqueles com quem me cruzei no Andanças, na verdade, este é o grupo que eu criei, mais difícil de explicar, pois, neste grupo incluem-se todos aqueles com os quais eu experienciei o Andanças. Fi-lo assim, porque tendo apenas uma semana de festival Andanças para fazer recolha de campo, juntamente, com as tarefas que me estavam atribuídas, a juntar que era também o meu primeiro Andanças, tudo começou a parecer muito forçado e houve a necessidade de mudar a forma como me iria dirigir a este grupo, tornando-me apenas como um deles e não como uma participante no Andanças que está "a estudar o Andanças", e, desta forma, resultou, porque a partir do momento em que eu própria experienciei o Andanças, fiquei mais suscetível a entender aquilo que estava a acontecer à minha volta, tendo assim também chegado mais perto das pessoas. Agora é de salientar que esta superficialidade na forma de trabalhar este grupo assim foi, porque, na verdade, a amostra que mais me interessava era mesmo aquela que dizia respeito à população de Póvoa e Meadas e à organização do Andanças, sendo que, os andantes surgem, porque, era uma falha gigantesca, num trabalho sobre o festival Andanças, não lhes dar voz, uma vez que, são também eles que fazem do Andanças o festival que é, logo, não falar com eles ou deles impossibilitar-me-ia de falar corretamente sobre o Andanças.

Clarificados os grupos, houve a necessidade de pensar em que momento queria falar com cada um deles, e tendo como ponto de referência a data em que ocorreu o festival Andanças de 2013 neste espaço de tempo em que construí e trabalhei para esta dissertação, falei com os grupos durante e após o festival, nunca antes, contudo, quando terminou o Andanças 2013, já estava definido que o de 2014 seria no mesmo local, o que fez com que também das informações que recolhi tenham já como pano de fundo esse fator, podendo dizer-se assim, que muita informação por mim recolhida foi antes da edição do festival Andanças 2014.

### Observação/experiência participante

«Pensava em outras cabeças e, na sua, outras cabeças pensavam. É este o verdadeiro pensamento.»  
Brecht

A tarefa fundamental do etnógrafo não é tornar compreensível para *nós* uma determinada cultura diferente. Chegou a altura de os antropólogos abandonarem este uso da primeira pessoa do plural, que implica que todos partilham de uma mesma cultura, o que não só não é falso como também é irrelevante. O objetivo da antropologia social é alcançar um tipo de conhecimento das relações sociais humanas que é de uma ordem mais geral do que a apreensão imediata da sua natureza que caracteriza a participação social acrítica. (Pina-Cabral, 1991: 49)



## O Andanças e 'As Andanças'

Sendo assim, o primeiro alicerce desta pesquisa foi a observação participante, pois é desta forma que o antropólogo tem uma experiência de choque cultural, fundamental para a antropologia, já que é através da mesma que se constrói o antropólogo e por sua vez o pensamento antropológico. A observação participante, segundo aquilo que retenho da minha formação académica em antropologia e desta própria experiência de observação participante, é emergir num terreno, para fazer investigação, durante um tempo ininterrupto, mantendo uma postura imparcial, para que possa tomar conta da diferença, e experienciá-la, o que diferencia o trabalho do antropólogo de outras formas é portanto a etnografia, o registo de notas, as experiências no terreno, fazem com que o antropólogo ganhe experiência que o faz pensar sobre aquilo que está a investigar, dando-lhe por isso outro sentido e valor, que não é possível através de outras ciências, na antropologia é criada objetividade, através da subjetividade. Etnografar é ter acesso a um conhecimento sobre nós mesmos, que nunca nos foi possível até ao momento em que somos obrigados a ver-nos ao espelho, por força das circunstâncias que o terreno agora diferente do qual vimos se apresenta e nos mostra, é a relação com a diferença que nos mostra as semelhanças e as diferenças, conferindo sentido ao terreno e ao nosso mundo. E, a forma pela qual a antropologia consegue chegar até aqui é pela observação participante, daí a sua importância nesta ciência.

A principal justificação para a observação participante é que o investigador sofre uma experiência de choque cultural que ilumina tanto o seu conhecimento intuitivo sobre qualquer outra sociedade de origem. Por conseguinte, o problema para o qual procuramos resposta é o de saber se o etnógrafo sofre esse choque cultural quando estuda uma sociedade que lhe era anteriormente familiar. (Pina-Cabral, 1991: 51)

A observação participante poderia ter sido um obstáculo encontrado, pois, sendo de Elvas pertencente ao distrito de Portalegre, tal como, Póvoa e Meadas, estive a fazer trabalho de campo enquanto, como sugere, Mascarenhas-Keyes (1987), *antropóloga nativa*, que ela define como o antropólogo que não tem choque com o exótico, porque o local onde está a trabalhar é o seu contexto sociocultural, de socialização primária, o que levanta, neste caso, o problema de haver sempre uma confusão entre o meu Eu ("a menina de Elvas" ou "a nossa alentejaninha" como se referiam a mim os meus informantes) e o de estudante de mestrado em antropologia junto deles, para além de não ter existido um choque cultural que me tenha levantado questões à partida. Contudo, também há vantagens, como o facto de interagir de uma forma natural, por ser nativa, o que me permitiu uma maior e melhor facilidade de obtenção dos dados. Para além do mais, é verdade que apesar de eu não ser de Castelo de Vide ou Póvoa e Meadas, estes fazem parte do mesmo contexto sociocultural que o meu, o Alentejo, em particular, o Alto Alentejo, daí que não tenha existido um grande choque cultural inicial quando iniciei o trabalho de campo em Póvoa e Meadas, porém houve neste objeto de estudo e campo, um acontecimento, as 'Memórias da barragem', que viria a ser o ponto de partida para esta dissertação e que revelou todo um campo de questões e afirmações sobre o meu terreno que me entusiasmou e motivou..

A relação significativa que existe entre a população de Póvoa e Meadas e a Barragem da Póvoa, foi uma novidade para mim, pois jamais, tinha-me apercebido dessa relação, lido, ou ouvido

## O Andanças e 'As Andanças'

falar de casos iguais, portanto, a barragem da Póvoa, a aldeia de Póvoa e Meadas e o festival Andanças ao se mostrarem assim desta forma por mim aqui narrada, elucidaram-me uma realidade muito particular que eu não podia sequer imaginar que estava tão perto. Como, refere Pina-Cabral (1991), "(...) a natureza do conhecimento que o antropólogo social produz no decorrer do seu trabalho de campo é radicalmente diferente do que possui da sua própria sociedade.» (p.48), o que me leva a concluir que mesmo um antropólogo nativo possa vir a ter um choque, que não será de cariz sociocultural, mas sobre algum tema, acontecimento ou facto que nunca antes tinha descoberto no seu contexto e em nenhum outro, como aconteceu comigo, daí que, o importante é que o antropólogo quer seja nativo ou não deixe espaço ao contexto onde chega para trabalhar para se revelar, deixando em aberto o que vai ver, o que quer fazer ou o que quer perguntar, é a abertura perante o terreno que faz com que ele se revele.

Sobre o Andanças que corresponde também a uma grande porção do meu trabalho de campo, também é verdade que eu nunca tinha ido a nenhum anterior, e porque o Andanças é um festival que nunca antes tinha estado em Elvas e mais propriamente no distrito de Portalegre, pela sua particularidade específica, nenhum outro festival semelhante também, nunca tinha tido qualquer ligação com o festival, surgindo assim, como um exotismo para mim e na verdade acho que para a maioria dos habitantes deste distrito, cuja maioria ainda depois de já ter passado um ano desde o Andanças 2013 em Póvoa e Meadas e outra edição do Andanças ter ocorrido, continua a ser algo que muita gente em Elvas, Campo Maior, Arronches, Sousel, Fronteira, por exemplo, desconhece, e que sempre que eu explico, mostram claramente uma grande surpresa com o mesmo e ficam admirados por um festival assim estar no distrito, porque efetivamente é um festival e um conceito distinto daquilo a que estão habituados a ouvir falar ou que conhecem por saberem da existência de outros como o *Freedom* que já se realiza há mais anos em Elvas e que portanto já deu para grande parte da população do distrito se aperceber deste, tal como, da sua reputação também.

No sentido, de fazer trabalho de campo e tudo o que no mesmo se inclui, estive acampada na barragem durante a edição de 2013 do festival Andanças, uma semana de campo na aldeia de Póvoa e Meadas, presente em sessões de esclarecimento abertas à população de Póvoa e Meadas e de Castelo de Vide, presente também na edição de 2013 do festival *Freedom* em Vila Fernando, bem como na edição do Entrudanças em 2014, na conferência de imprensa do festival Andanças em Lisboa, e em várias idas pontuais à aldeia de Póvoa e Meadas e à Barragem da Póvoa. Para além, de que à data da edição do Andanças de 2014 ainda ter estado a concluir a minha dissertação, fui ao festival e retive desta edição também algumas reflexões que se podem ler ao longo desta dissertação.

Como ferramenta auxiliar à observação participante, elaborei diários de campo, que são a ferramenta mais comum ao antropólogo que vai para o terreno, e consiste para si como preciosa, uma vez que é auxiliar no registo da observação participante no terreno, pois estes são possuidores das dificuldades de imersão no campo, de acontecimentos casuais que se revelam essenciais, e também de tudo aquilo que correu bem, estes não são escritos para serem publicados, mas sim para suportarem o trabalho do antropólogo, e, nesse sentido, eu também me auxiliei dos meus,

## O Andanças e 'As Andanças'

juntamente, com fotografias, vídeos e entrevistas. São o registo das diferenças que o antropólogo encontrou e enfrentou.

### Entrevistas

Outro instrumento metodológico de recolha de dados usado foi a entrevista, no meu caso, semiestruturada. Houve algumas distinções acerca da forma como me dirigi às pessoas com quem falei e entrevistei. Sendo que, tentei desde sempre que fossem conversas de teor muito informal, em que não houvesse de uma forma muito definida o papel do entrevistado e do entrevistador, porque a todas as pessoas a quem sempre me dirigi quis sentir-me como uma ouvinte e uma pessoa que não fosse a investigadora, mas sim, a rapariga que anda na aldeia deles e no festival Andanças para os ouvir e compreender, quis sempre mostrar-me acessível e disposta para ouvir e conversar sobre o que eles me tinham para contar.

Nesse sentido, a algumas pessoas mais velhas de Póvoa e Meadas com quem falei e entrevistei não foram suportadas com qualquer guião, eram entrevistas semiestruturadas, onde eu explicava o tema da minha dissertação, a intenção do porquê de estar na Póvoa a falar com eles e algumas perguntas muito gerais sobre o que achavam do Andanças, pois aquilo que eu queria saber sobre eles, não está estruturado e clarificado para eles, pela simples razão de que aquilo que eu queria saber e recolher eram relatos de experiências, lembranças e memórias dos mesmos em relação à barragem e à aldeia, para além, das opiniões e sugestões deles em relação ao Andanças que também me interessava. Já nas entrevistas tanto no festival Andanças, como no festival *Freedom*, foram dirigidas a um tipo de público que eu defini, e eram consoante um guião que eu também elaborei.

Porém, na última vez que fui à aldeia e à barragem, estruturei dois guiões, um dirigido em especial para Ana Martins, e outro para alguns habitantes de Póvoa e Meadas, pois, queria finalizar o trabalho de campo e por isso tinha de ser eficaz e direta. A escolha dos meus informantes dividiu-se em duas formas, os informantes de Póvoa e Meadas e os informantes do Andanças, e foi baseada em conversas exploratórias que tive com pessoas da aldeia, segundo informações recolhidas nas sessões de esclarecimento em que estive presente, ou até mesmo, por sugestão de uma ou outra pessoa que ao saberem a razão pela qual eu andava na aldeia se dirigiam a mim e me encaminhavam a outras pessoas com quem achavam ser do meu interesse falar. Ainda, sobre os informantes da aldeia de Póvoa e Meadas, tenho de admitir que mesmo após o trabalho de campo, ainda tenho dificuldade em afirmar quais são os meus informantes chave, uma vez que, todos eles deram um contributo essencial para a construção desta dissertação e também porque não tive tempo suficiente em campo, para definir informantes-chave, por isso, eu refiro-me a todos eles como informantes, sem haver a distinção de informantes-chave, sendo que, todos de uma maneira ou de outra direcionaram o meu trabalho de campo e esta dissertação.

Por fim, no caso da escolha dos informantes do Andanças, que leia-se, organização do Andanças, ficou desde o início definido, que seria Ana Martins, uma vez que é a presidente atual da

## O Andanças e 'As Andanças'

Associação PédeXumbo (PX) e capataz da organização do festival Andanças (ainda que o Andanças tenha uma hierarquia horizontal, alguém tem de dirigir e dar a cara e essa pessoa é a Ana Martins), logo, ela tinha conhecimento da respetiva informação sobre o festival Andanças e da PX que a mim me interessou saber.

### Pesquisa documental

Também a recolha bibliográfica, tanto fotográfica como documental, são pilares de assistência ao trabalho de campo, e, por isso, alguns livros escritos sobre Póvoa e Meadas e o festival Andanças servem como auxiliares na pesquisa e na escrita sobre os mesmos. Tal como, todos os documentos facilitados pela organização do Andanças, entre eles, cartazes de edições antigas do festival, folhetos e dossiers de informação múltipla sobre o festival. Para além, de toda a recolha por mim feita, maioritariamente em registo fotográfico, mas também vídeo, no festival Andanças, nas duas edições em que estive (2013 e 2014). Por fim, também é verdade que muito me auxiliou a pesquisa tanto no *site* da PédeXumbo, como no do Andanças, do Entrudanças, do *Freedom* e da Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas, a juntar, à múltipla informação de imagens, vídeos, textos e comentários a que me socorri em muitas alturas nas redes sociais, em particular, o facebook, de todas elas, Andanças, PX, *Freedom*, Entrudanças, Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas, e todas as páginas que encontrei relativas à Barragem da Póvoa e Castelo de Vide.

### 1.2 Trabalho de campo ou trabalhos de campo?

A descrição minuciosa dos comportamentos humanos no seu contexto histórico e cultural, por um lado, e a comparação com outras formas no tempo e no espaço, por outro, fundamentam a capacidade de análise específica da antropologia. Com efeito, em termos de objeto e de métodos, esta ultrapassa a sua própria definição, para desembocar num verdadeiro projeto intelectual. Pelo confronto de modelos, de normas, de esquemas culturais, de horizontes de pensamento, pela sua comparação e discussão, tenta-se abordar uma condição humana que se encontra em perpétua redefinição. (Augé & Colleyn, 2004: 21)

Esta dissertação incide essencialmente, no festival Andanças e naquilo que a população de Póvoa e Meadas tem a dizer sobre o mesmo, contudo, eu recorri também a outros festivais como o *Freedom* e o Entrudanças, para sustentar a minha dissertação, porque é também através do termo comparativo que a antropologia tem mais a ganhar e mais como se sustentar e explorar. Por isso, é importante fazer a distinção entre os meus quatro momentos de trabalho de campo, no *Freedom*, no Andanças, no Entrudanças e na aldeia de Póvoa e Meadas, pois em todos eles foram distintos os contornos da estrutura de trabalho de campo.

No festival Andanças, estive em regime de acampamento, todos os dias do festival, numa pequena tenda com vista para o leito da barragem junto a um “cancho”, que é o nome que eu ouvi chamarem as pessoas do concelho de Castelo de Vide às grandes pedras que dão conta da

## O Andanças e 'As Andanças'

paisagem do concelho e em especial à aldeia de Póvoa e Meadas, onde podem ver-se muitos canchos, junto a moradias, quintais, entre outros.

Estive no festival Andanças enquanto voluntária e enquanto estudante de mestrado em antropologia, e, sendo assim, foram-me atribuídas tarefas e turnos de quatro horas ou mais por dia, no grupo das visitas locais, cuja minha tarefa era acompanhar o grupo de participantes inscritos nos vários passeios e visitas locais, incluídos sem preço acrescido na programação do Andanças, entre eles, visitas a Castelo de Vide, à Central Hidro Elétrica da Barragem da Póvoa, passeios pedestres, entre outras. O que para mim foi uma mais-valia, pois consegui numa mesma semana estar dentro e fora do festival, com os próprios participantes do Andanças, dando-me assim a vantagem de ter presenciado os encontros dos mesmos com os habitantes de Castelo de Vide e de Póvoa e Meadas, e, esta forma de estar no Andanças serviu inevitavelmente de método e de forma de chegar às pessoas, neste caso, específico, aos participantes do Andanças, aos andantes.

Pelas tarefas que me estavam atribuídas enquanto voluntária no Andanças, a maior parte dos dias estive com o grupo das visitas locais no exterior, e por isso só a partir do meio da tarde e há noite é que estava no recinto do Andanças. Dentro da programação das visitas locais, estavam incluídos passeios pedestres pela Barragem da Póvoa, visitas à Central Hidro Elétrica da Barragem (agora desativada), ao Museu de Póvoa e Meadas, à Estação de Tratamento de Águas da Barragem, ao Ecocentro da VALNOR, à Quinta das Lavandas, ao Centro Histórico de Castelo de Vide, à UNICER (água Vitalis), visitas a alguns dos monumentos megalíticos (uma vez que, esta zona de Castelo de Vide é riquíssima em termo de quantidade e qualidade dos mesmos) com a explicação de um arqueólogo que estava a escavar alguns desses mesmos monumentos. A maior parte destas visitas que eu acompanhei, com grupos diferentes, em dias diferentes, com pessoas que foram a praticamente todas as visitas locais mais do que uma vez, foi bastante interessante ver as diferentes reações aos mesmos sítios por pessoas diferentes, porque também me elucidou o ponto de vista delas, aliás, dava para perceber a maioria dos interesses que os participantes do Andanças que se inscrevem para estas visitas locais tinham acerca do que procuram visitar e saber nestas visitas locais organizadas pelo Andanças, o que me possibilitou logo à partida, ter esse tipo de informação sem ter de recorrer a um guião com perguntas específicas, pois, naturalmente, nas visitas consoante aquilo que íamos vendo, nas próprias visitas locais em que se inscreviam, nas perguntas que faziam aos guias das visitas, e em conversas que iam tendo comigo ou com outras pessoas, eu acedia a essa informação. Por isso, senti que foi um privilégio imenso ter sido voluntária neste grupo, tendo em conta, aquele que é o meu objeto de estudo nesta dissertação e a forma acessível, espontânea e natural como lhe acedi, sendo que, foi meu objetivo desde o início ter um registo de trabalho de campo mais intuitivo e natural, isto é, nunca foi meu objetivo obrigar-me a mim e aos meus interlocutores a responder a todas as perguntas que defini, pela ordem que defini, nos sítios que pensei, não falhar a nenhuma atividade a que previ assistir, entre outros, porque decidi deixar sempre espaço para aquilo que os meus interlocutores também me queriam dizer, para aquilo a que queriam que eu estivesse presente, de uma forma espontânea, porque o próprio Andanças é assim, e, porque, penso que tem que ver também com a minha própria maneira de ser e que é inegável que isso não

## O Andanças e 'As Andanças'

influencie no meu estilo de trabalho de campo, mas também, porque quando fui para o Andanças, ainda estava a explorar o meu objeto de estudo e a delinear definitivamente aquilo que viria ser o tema da minha dissertação.

A capacidade de pensar e de sentir alternadamente como um selvagem e como um europeu não é facilmente adquirida, se é que pode até sê-lo completamente. Para ter êxito nesta situação é necessário que o indivíduo seja capaz de se entregar sem reservas, e que tenha poderes intuitivos que nem todos possuem. (Evans-Pritchard, 1951: 77)

### 1.3 *Freedom* e Entrudanças

A razão pela qual surge o festival *Freedom* no meio desta dissertação, é pela já referida questão de ser benéfico haver termo de comparação no campo da antropologia, mas também, foi dada a proximidade do mesmo com Elvas, que fez com que me tenha sido possível participar no mesmo, e assim ter feito entrevistas, diários de campo sustentados em observação participante. Surge, em jeito de comparação, com o meu trabalho de campo no festival Andanças, uma vez que, se tratam os dois de festivais, numa mesma região, o Alto Alentejo e porque na prática, para mim, era acessível por razões de proximidade evidentes. No fim, veio a perceber-se de que o trabalho de campo que recolhi no festival *Freedom* muito pouco me poderia vir a ajudar nesta dissertação, pois, os dois festivais são muito distintos em vários fatores, tais como, público, conceito, estilo de música, entre outros, porém, deu para formular assuntos, temas e tópicos a preparar para eu observar e estudar no festival Andanças, uma vez que, o *Freedom* foi antes do Andanças, daí que se possa ler ao longo desta dissertação algumas questões que a propósito do trabalho de campo feito no *Freedom* surgiram e direcionaram-me para outras conclusões.

Já, a razão que me levou a estar também presente no Entrudanças 2014 e a ter realizado trabalho de campo no mesmo, é pela proximidade evidente com o Andanças, em ideal, valores, objetivos, para além de que é também a PédeXumbo que o organiza, com um responsável diferente do Andanças, mas pela mesma associação, daí que o formato seja também muito semelhante com o do Andanças.

A presença no Entrudanças é justificada pela evidente semelhança que tem com o Andanças, daí que eu o denomine como um mini-Andanças. É semelhante em muitas vertentes, tais como, o fato de como o Andanças assentar nos pilares comunidade, música e dança, ambiente/sustentabilidade e voluntariado, também o Entrudanças assim o faz. Este festival existe desde 2000 e começou por ser em Évora, tendo vindo a mudar-se para a aldeia de Entradas, em Castro Verde, com o mote do Entrudo, alia música e dança, de carácter internacional com a dimensão local, que neste caso específico é mais uma vez, e propositadamente, à semelhança da escolha de Póvoa e Meadas, num local do interior desertificado de Portugal. A programação, tal como, a do Andanças inclui dança, música, conversas, exposições, passeios, gastronomia e espaços onde se promove a interação entre os participantes do Entrudanças e dos habitantes locais.

## O Andanças e 'As Andanças'

Para o Entrudanças, a forma como preparei o trabalho de campo foi mais uma vez divergente daquela com que dirigi o trabalho de campo no Andanças, no Freedom ou na aldeia de Póvoa e Meadas, pois, para este festival preparei apenas questões que pretendia ver respondidas não por pessoas concretas, mas sim pelo festival em si, na aldeia de Entradas. Através do Entrudanças pretendia também ganhar outras ferramentas que me ajudassem a definir, entender e interpretar melhor o próprio festival Andanças. Para além de que, ir ao Entrudanças deixou-me com a certeza de que o Andanças é muito mais do que uma semana em Agosto, pelos próprios quatro pilares que lhe servem de suporte e guia, mas também pela apropriação e transformação que o espaço que abriga o festival sofre, que é ponderada e planificada sobre muitas condicionantes, entre elas ambientais, económicas, espaciais, e também culturais.

O Andanças e *'As Andanças'*



## Capítulo II – Póvoa e Meadas

Póvoa e Meadas caracterizo-a pelas gentes pacatas que a habitam, gentes mais velhas, que, por isso, carregam em si o pesar dos anos, mas também, o saber antigo alentejano e uma forma de ver e viver a vida muito distinta do ritmo urbano. Gentes que vivem o dia-a-dia, agora tranquilamente e descansadamente, onde as únicas preocupações são, talvez, marcar a data de uma grande pescaria, a consulta de ortopedia, um almoço de amigos, ou um encontro de família. Gentes possuidoras de saberes antigos, que ainda prezam uma boa conversa com a companhia de um naco de pão e um jarro de vinho. Gente que me mostra o Alentejo a que me orgulho pertencer e que nos ensinam a revisitar o simples e o genuíno, através da forma como constroem o quotidiano e o interpretam.

### 2.1 A aldeia

A aldeia de Póvoa e Meadas, situada no distrito de Portalegre, Alto Alentejo, é uma aldeia que conta com, cerca de mil habitantes, informação dada por João Ralo, na sua maioria envelhecida. Pertence ao concelho de Castelo de Vide, já foi em tempos, entre 1248 e 1836, vila e sede de concelho. Chamo-a de aldeia, e não de freguesia, porque nunca foi assim, que os meus informantes se referiram a ela, mostrando através da preferência em referirem-se a ela como aldeia, ao invés de freguesia, o carinho que prezam pela mesma, daí que, aqui também eu me dirija à Freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, como Póvoa e Meadas, a aldeia.

Também esta aldeia que agora consta com o nome de Póvoa e Meadas dizia respeito anteriormente apenas à Meada, tendo posteriormente vindo a se constituir Póvoa e Meadas, numa mesma altura que em Portugal surgiram algumas Póvoas, referiram alguns dos meus informantes.

Esta situação de em tempos Póvoa e Meadas ter sido sede de concelho e agora não o ser, tendo-se tornado uma freguesia do concelho de Castelo de Vide, é algo que parece estar muito presente nos habitantes desta aldeia, pois sentem que não deveria de ser assim. Tal como, a barragem da Póvoa, que tem este nome que a associa a Póvoa e Meadas, contudo, não está incluída na freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, mas sim na Junta de Freguesia de Santiago Maior, daí que muitas das parcerias que a organização do Andanças tem sejam com esta e não com a da Póvoa, porque a nível emocional e sentimental a barragem da Póvoa é de Póvoa e Meadas, e os habitantes da mesma assumem-na como sendo mais deles do que de mais alguém, por muitas razões, entre elas, o facto de quem idealizou e construiu a barragem foi o Engenheiro Custódio Nunes O Engenheiro José Custódio Nunes nasceu no dia 5 de Junho de 1887 na aldeia de Póvoa e Meadas, filho de pais agricultores, desde muito cedo que mostrou ser um rapaz inteligente e por isso foi estudar para Portalegre, Coimbra, tendo mesmo chegado a estudar no estrangeiro, mais nomeadamente, em Bruxelas e Paris, onde já tinha a ideia de construir esta barragem, com a ajuda de amigos e conhecidos, convenceu os agricultores a cederem-lhes os terrenos necessários para a construção da mesma, com o compromisso de quando a barragem começasse a dar lucro com a

## O Andanças e 'As Andanças'

venda da eletricidade vendida pela que viria a ser a Hidro Elétrica do Alto Alentejo (HEAA), lhes seria atribuído o devido valor que mereciam, toda a gente, até os mais pobres contribuíram e dessa forma crendo na palavra do Engenheiro Custódio Nunes e em prol da aldeia, a obra fez-se e os compromissos que fez cumpriu-os, tendo mesmo vindo a enriquecer todos aqueles que nele acreditaram. Por tudo isto, tornou-se um símbolo de orgulho, admiração e respeito para a aldeia. Praticamente todas as pessoas com quem conversei sabiam quem tinha sido e o que tinha feito o Engenheiro Custódio Nunes, há aliás na barragem, inclusive um monumento feito em homenagem ao mesmo. O que contribui para o sentimento de pertença por parte da população de Póvoa e Meadas em relação à barragem, mas também Nisa chama à barragem, barragem de Nisa, por ser resultado da ribeira de Nisa, e os de Castelo de Vide dizem ser deles, porque efetivamente a nível burocrático, jurídico e territorial, pertence à freguesia de Santiago Maior, que é de Castelo de Vide, portanto, vai por aqui uma grande confusão, e, na verdade, todos sabem da existência da mesma, mas nada se pode fazer, pois todos têm justificações para a reivindicarem como sua. Ora, tudo isto contribui para uma rivalidade acesa que existe entre a aldeia de Póvoa e Meadas e a vila de Castelo de Vide, os habitantes da Póvoa sentem que são esquecidos pela Câmara de Castelo de Vide e os de Castelo de Vide expressam um sentimento claro de que consideram Póvoa e Meadas mais retardada em relação à sua vila, demonstrado por alguns dos habitantes da vila quando eu respondia o teor do meu trabalho de campo e que estava lá a dormir (na aldeia de Póvoa e Meadas), uma das vezes, chegaram mesmo a dizer-me para eu passar mais tempo na vila que na aldeia não se fazia nada. Algo que considero ser um sentimento bastante comum no que se trata à comparação de vilas e cidades, com as aldeias, ainda que muitas das vezes a realidade não seja essa, na minha opinião, é um estigma referente às aldeias que ainda existe por todo o nosso país, porém, é verdade que muitas das vezes, se percebe que não é apenas um estigma, mas sim a realidade, para além que tendo em conta a conjuntura atual do nosso país, em que a maioria da população é envelhecida e que maioritariamente centra-se no interior do país, deixando assim o interior, pouco ativo e muito envelhecido. Até soube de um nome que os habitantes de Castelo de Vide chamavam ou chamam aos habitantes de Póvoa e Meadas, "malagôs", e significa pessoas que não têm jeito para fazer nada, e, explicou-me Isabel Carita (filha), numa entrevista em jeito de conversa de café comigo no Oásis, enquanto, entravam e saíam os clientes, na sua maioria residentes e naturais de Póvoa e Meadas, que antigamente ficavam muito ofendidos por serem assim chamados, mas que agora nem tanto, por isso, é que ela e a senhora com quem tem o negócio de licores e sabonetes artesanais se chamam 'As *malagôs*'. Mas os habitantes de Castelo de Vide, não ficaram sem resposta, tendo os habitantes de Póvoa e Meadas começado a chamar aos de Castelo de Vide, "larosos".

Póvoa e Meadas é realmente um destes casos, a maioria da população desta aldeia é envelhecida, juntando o número de jovens e crianças que vi na aldeia em todas as vezes que lá estive não foram mais de vinte, sei que há mais do que esse número, mas, na verdade, poucos vi nas ruas da aldeia, à exceção da semana do Andanças 2014, em que havia muitas crianças e bebés no rossio da aldeia a brincar e a passear. Talvez, seja essa a razão pela qual o estado quis encerrar a escola básica de Póvoa e Meadas, tema muito sensível para as gentes desta aldeia, como seria de esperar e é perfeitamente normal. Tanto os mais velhos quer tenham ou não netos, consideram esta

## O Andanças e 'As Andanças'

medida como prejudicial para a aldeia, porque a entendem como a morte de vez da aldeia que acarinham e onde vivem, pois sem escola, não há crianças e com a escola, dizem eles, ainda que sejam poucos, há sempre crianças na aldeia, que acabam por dinamizar e animar a aldeia ao seu jeito. Sem a escola, dizem os casais mais jovens com ou sem filhos, são tentados a deixarem a aldeia, para se mudarem para a vila de Castelo de Vide onde os meninos de Póvoa e Meadas agora irão à escola. Como me referiram alguns destes casais, com esta medida, não é permitido a estes pais de Póvoa e Meadas, irem apanhar os filhos a Castelo de Vide para almoçarem em casa, pois torna-se muito dispendioso, o que faz com que, assim, deixem as crianças em Castelo de Vide de manhã e só já as apanhem ao final da tarde, o que para eles é algo que magoa, pois, não entendem como é que o estado consegue ser tão frio e insensível a estes fatores. Levantando-se assim uma grande controvérsia sobre este tema na aldeia e que fez com que se organizassem manifestações constituídas em grande parte por pais destas crianças da aldeia junto da Câmara de Castelo de Vide e noutras entidades oficiais relativas a este assunto no distrito.

Este tema veio a revelar-se muito sensível, quando comecei a ouvir grande parte dos meus informantes a referirem que o fecho da escola seria a morte da aldeia, e que ao fecharem a escola estão a condenar a aldeia a ficar desertificada. Nuno Fidalgo que tem dois filhos, uma menina e um menino, em idade escolar, nomeadamente, pré-escolar e primária, precisamente as que se vão perder na aldeia com o fecho da escola, chegou mesmo a admitir, na entrevista que lhe fiz em sua casa, a olhar para os seus dois filhos que lhe custava imenso pensar que os ia deixar dias inteiros em Castelo de Vide, só os podendo ver ao final do dia, e que isso não devia acontecer. Referiu que muitas pessoas conhecidas, sem dizer nomes, que prestam serviço público, partiram do Alentejo e frequentaram a escola primária de Póvoa e Meadas, o que no seu entender, demonstra a qualidade que esta escola possui.

Esteve disponível na Junta de Freguesia, dirigindo-se à secretaria, em cima do balcão da mesma, a petição que pretendia reunir assinaturas contra o fecho de escola, para o qual chegou João Carrilho, António Videira Louro, e mais dois residentes num espaço de uma hora, numa das vezes em que eu lá estive, para a assinar, todos mostrando descontentamento por uma calamidade destas vir a acontecer em Póvoa e Meadas, com as famílias e crianças da mesma. Já Micaela Canelas, após ficarmos sozinhas na Junta falava em voz baixa que eles tinham ali a petição, mas que aquilo de nada ia adiantar, porque a decisão estava tomada, e que depois da escola fechada, nunca mais abre. Nas redes sociais de alguns informantes meus, via-se até várias partilhas de vídeos acerca do assunto, de notícias sobre o assunto que deram no jornal da noite nos canais generalistas, notícias de jornais e sites da região sobre o assunto e até mesmo fotos da escola antigas e atuais, em jeito de lembrar e prestar homenagem à mesma. Isto foi de tal modo importante para os habitantes da aldeia que os fez repensar o apoio da Câmara de Castelo de Vide ao festival Andanças a todos os níveis, monetários, burocráticos e até publicitários.

Muitos habitantes de Póvoa e Meadas, mais uma vez, culpabilizam a concelhia de Castelo de Vide, de pouco ou nada ter feito para evitar o fecho da escola de Póvoa e Meadas, pois sentem que esta ficou aquém daquilo que podia ter feito para combater a implementação da medida que fechou

## O Andanças e 'As Andanças'

esta escola, e que muito fez e faz na propaganda do festival Andanças nas redes sociais, por exemplo, mas pouco da causa da escola. Dizem os habitantes de Póvoa e Meadas, que se a câmara de Castelo de Vide se preocupasse tanto com o assunto do fecho da escola de Póvoa e Meadas como se preocupa com o festival Andanças a escola não teria fechado, e chegam mesmo a referir que preferiam muito mais que o dinheiro que a câmara de Castelo de Vide gasta com o apoio ao Andanças fosse dirigido para manter a escola de Póvoa e Meadas aberta, com a justificação de que o Andanças é uma vez no ano, e que os habitantes de Póvoa e Meadas estão lá todos os anos, durante todo o ano. Consideram também que a câmara pouco os apoiou na luta contra o fecho da escola, porque não são os filhos deles, e porque a eles em nada os afecta, mas que se fosse com eles, a história teria sido diferente. Para algumas pessoas, era preferível não haver sequer Andanças em Póvoa e Meadas, ao invés da escola se manter aberta. Comparações que para estas pessoas que lá vivem fazem todo o sentido e são claramente justificáveis por uma evidente luta dos mesmos para a qualidade de vida dos seus filhos, contudo, abolir o Andanças da aldeia, não me parece que também seja a melhor solução para dar qualidade de vida às crianças e jovens da aldeia, muito pelo contrário, parece-me a mim surgir como uma boa forma de chamar as crianças e jovens à aldeia. Soube de vários casos em que me contaram que os netos, filhos e sobrinhos mais jovens, já falaram com os respetivos familiares na aldeia para a visita e estadia na aldeia com eles durante o Andanças, pois querem participar e ir ao festival, ao mesmo tempo, que visitam os seus familiares com quem não estão o ano todo. Muitos deles mudaram a altura em que normalmente iam visitar os familiares à aldeia para a semana em que decorre o Andanças, pois querem aproveitar a ocasião, o que para muitos dos habitantes de Póvoa e Meadas é uma excelente notícia, pois como as festas da aldeia têm sido, desde 2013, agendadas para o fim de semana antes do início do Andanças, também tem havido uma maior afluência de jovens às mesmas, dando-lhes uma nova vida. Como me dizia, Joana Rosa Barrento, é um encanto e uma alegria voltar a ver as festas da sua aldeia querida outra vez cheia de jovens que dançam no baile. O que a mim, pessoalmente, me parece maravilhoso, pois, mesmo que seja uma vez durante todo o ano, em que a aldeia se enche de jovens, efetivamente a mesma torna-se um sítio que os atrai pela animação antes inexistente naquela que seria uma visita aos avós na aldeia alentejana onde nada acontece. O Andanças surge assim para os jovens com familiares em Póvoa e Meadas como mais uma justificação para ir até Póvoa e Meadas. Porém, há também algumas reclamações na aldeia de terem mudado o fim de semana das festas para o anterior do Andanças, pois dizem não entender e nem concordar com isso, o que, a meu ver, surge como um sinal de que ainda há muitas pessoas descontentes com o Andanças, daí que não aceitem que um acontecimento como as suas festas, mudem consoante o mesmo, já que, para estas pessoas que ainda não aceitam o Andanças, a aldeia nada tem que ver com o Andanças, por isso não há justificação para que se mude as datas de uma festa que se faz há largos anos.

Este ano, na semana anterior às Festas da Aldeia e ao Andanças houve entre 25 de Julho a 3 de Agosto, em Castelo de Vide, ainda outro festival jovem, que é um festival que já contou com outras edições pelo mundo, mas que em Portugal esta foi a sua primeira vez, o *Ethno-Portugal*, e que é promovido em Portugal com o apoio da Associação PédeXumbo, a mesma que organiza o Andanças. E que é descrita pela organização do mesmo, assim:

## O Andanças e 'As Andanças'

Ethno is a program of Jeunesses Musicales International (JMI) and a unique project for traditional/folk musicians. Ethno music camps provide musicians with the opportunity to learn from and teach each other a variety of musical cultures from around the world, and sharing what they have learnt with audiences, enriching society by keeping the music traditions alive and youthful. As such, Ethno is also a great life experience, bringing together participants from a variety of cultural backgrounds and becoming a space for intercultural learning, friendship, and exchange. (<http://ethnoportugal.pedexumbo.com/en/>)

Ainda que existam sempre pessoas que não concordem com o Andanças em Póvoa e Meadas a cem por cento admitem que realmente trouxe mais pessoas à aldeia e que esta se tornou mais ativa, porém, gostariam que tudo estivesse bem na aldeia, mas isso, não está simplesmente nas mãos do Andanças e da PX, mas também da Câmara de Castelo de Vide, de outras entidades governamentais e de todos os habitantes da aldeia também.

Esta aldeia dispõe de uma escola primária, a que vai fechar, quatro cafés, uma padaria, uma praça de touros, um campo de futebol, um posto médico, duas mercearias, sendo que uma delas é bem maior que a outra e dispõe de outros serviços como talho e peixaria, há também mercado todas as quartas-feiras, onde se pode comprar roupa, legumes, pão, farturas (mnais conhecido em algumas cidades alentejanas raianas como “brinhol”) e há também uma cabeleireira de Castelo de Vide que às quartas vem para fazer as “mizes” às senhoras (mizes é o nome utilizado pelas senhoras mais velhas para dizerem que vão ao cabeleireiro arranjar o cabelo). Conta também com algumas associações, entre elas, o Grupo Folclore e Cultura de Póvoa e Meadas (GFCPM), a Associação Cultural e Desportiva de Póvoa e Meadas (ACDPM), a Sociedade Recreativa e Musical de Póvoa e Meadas (SRMPM) e o Lar da 3ª idade de Nossa Sr.ª da Graça de Póvoa e Meadas (LNSGPM)

E recentemente um museu, inaugurado no dia 18 de Agosto de 2012, o Museu de Póvoa e Meadas, que foi criado com a seguinte justificação:

Conscientes da nossa localização geográfica periférica, da baixa densidade populacional e da dificuldade em captar investimentos externos, o desenvolvimento do concelho terá obrigatoriamente que alicerçar-se na singularidade e na riqueza do património cultural e natural que, no nosso caso, atinge níveis de reconhecida excelência. (Folheto Museu Póvoa e Meadas).

Acreditam que, com este museu de componente histórica/arqueológica que evidencia a antiguidade desta aldeia, após a visita de forasteiros ao mesmo, possa vir a incentivar a procura das paisagens envolventes da freguesia, que é um dos claros objetivos deste museu, trazer turistas à aldeia, que ao visitarem o museu fiquem interessados pela mesma e que assim partam à sua descoberta. Realmente, o concelho de Castelo de Vide é muito rico a nível arqueológico e histórico, sendo que, há muitas antas e dolmens, e há um claro interesse sobre o mesmo por parte da câmara, visto que, há um departamento arqueológico no concelho sobre o mesmo e que este é muito ativo.

Nesta aldeia vigora a calma e a tranquilidade daqueles que já trabalharam e agora gozam das suas reformas, os dias passam-se entre o jardim do largo, os cafés, as idas ao médico, petiscadas com amigos, sentar nos poiais que por ali existem pelas ruas da aldeia e ver quem passa,

## O Andanças e 'As Andanças'

caminhadas a pé, bordar ao serão da tarde nas quartas e quintas numa sala disponível pela junta de freguesia, entre outras. Os dias passam devagar, sem pressas, nem agitação, e os anos pesam-lhes já no andar e na voz. A Póvoa é o retrato do Alentejo que é rico pela calma destas pessoas que carregam em si, o saber antigo e as experiências e memórias de outros tempos pelos quais passaram e viveram.

Pessoalmente, no tempo em que vivi nesta aldeia contei sempre com uma paz interior muito grande, pelo silêncio e a calma com que as pessoas levam a vida, mas também, pela boa vontade, amabilidade e simpatia que sempre contei com quem me cruzava e conversava. Pessoas simples, com muito orgulho da aldeia onde vivem e que as viu crescerem e viverem. Percebem que é uma aldeia que está a perder população e entendem que o motivo é o mesmo que justifica a saída também de muitas outras pessoas jovens noutras aldeias a saírem das mesmas, a falta de oferta de emprego. E, por isso, é isso que gostavam de ver na mesma, oportunidades para os jovens, para que pudessem permanecer na aldeia onde nasceram e cresceram. Não me parece que seja algo único desta aldeia, mas a forma especial como os habitantes de Póvoa e Meadas falam da sua aldeia era algo que não podia nem a mim, nem a vocês passar indiferente, porque é realmente muito envolvente e comovente. Numa das vezes em que assisti a uma sessão das bordadeiras, discutiam qual seria a rua mais bonita da aldeia, e chegaram a um consenso de que seria a Rua de Santa Margarida/Rua Lagem Branca, porque é a mais larga da aldeia, e diziam para mim: “- A menina Elisa, já alguma vez viu uma rua assim tão larga numa aldeia? “.

Com muito orgulho de uma rua assim ser em Póvoa e Meadas, nesta mesma rua existe uma igreja, muito acarinhada pela população de Póvoa e Meadas mais religiosa, a Igreja de Santa Margarida, que dá nome a uma festa que acontece também na aldeia para além das festas da aldeia em Agosto, e que se realiza sempre no terceiro domingo de Setembro que acontece precisamente nessa rua. Durante esta festa a igreja está aberta, há largada de touros e baile. Joana Rosa Barrento e Maria José Carita que vivem nesta rua, mostraram-me a rua e a igreja que tem uma curiosidade interessante, a igreja está fechada, mas a chave da igreja está à porta da casa de umas das senhoras que mora nessa rua, e qualquer pessoa da aldeia pode apanhar a chave e ir à igreja rezar. É uma igreja muito simples e pequena, mas que sofreu obras e remodelações feitas com donativos de pessoas da aldeia, tanto assim foi, que quando me levaram a visitar a igreja, quiseram que eu também visse as casas de banho novas dentro da mesma, que são mantidas limpas e arrumadas por senhoras desta mesma rua onde se localiza a igreja. Uma forma muito interessante de manter um local comunitário em comunidade. Acho que é um bom exemplo de como se vive nesta aldeia onde ainda há espaços que são mantidos em comunidade. Ainda quando visitei esta rua, visitei também uma parte da aldeia com as senhoras, inclusive uma fonte, que elas me mostraram com muito orgulho, pois foi arranjada recentemente, com uma imagem em azulejos português, muito bonito. E, enquanto a mostravam, aproveitaram para se refrescarem com a água da fonte, enquanto me contavam que havia um ditado na aldeia que dizia que quem beber daquela água, já não sai da Póvoa. Eu bebi daquela água, agora não sei se voltarei para ficar ou não.

## O Andanças e 'As Andanças'

Quiseram mostrar-me esta fonte, pois dizem haver mais na aldeia, tal como acontece em Castelo de Vide onde há muitas fontes, também em Póvoa e Meadas, o mesmo acontece, contudo, não as vi todas, tanto em Castelo de Vide, como na Póvoa, porém, penso nos dois sítios ter visto as mais bonitas, ou então as mais conhecidas. Esta fonte de Póvoa e Meadas, não está situada no centro da aldeia, mas sim perto do início de um caminho de terra batida que vai até ao cemitério, o que sempre ouvi chamar como sendo um “caminho de cabras”. As senhoras até contavam que à noite os moços e as moças iam para ali namorar. Perto desta fonte há muitos canchos, um moinho antigo onde se fazia o pão, onde está ainda uma padaria, também na rua mais próxima, é onde se realizam as festas da aldeia, mais concretamente os bailes e as barraquinhas de comida e outros. É onde está também o mercado municipal que abre e funciona às quartas, onde há fruta, legumes, queijo, enchidos, farturas, cabeleireiro e a rua onde está o mercado enche-se de barraquinhas de venda de roupa, calçado e outros. Na aldeia, não se diz ir ao mercado, mas sim “ir ao borrego”, porque quem começou com o mercado às quartas chamava-se Borrego, contou-me João Ralo, no dia dos Andamentos do Andanças em Póvoa e Meadas, enquanto caminhávamos, eu, grupo dos Andamentos vindo do Andanças, João Ralo e companheira, juntamente, com muitas outras pessoas que por ali deambulavam, já que era uma quarta-feira e havia mercado.

Para além do mercado nesta rua, está também a Casa do Povo, que me contava o António Videira Louro é para onde costumam ir os mais jovens. Foi funcionária aqui Joana Rosa Barrento, que me levou a conhecer o sítio e me explicou onde era o quê e como aquilo estava sempre impecável, lamentando-se das ervas altas que agora nascem por ali, quando no seu lugar plantas e flores de cores garridas lhe davam lugar. Falando com muita alegria daquele sítio, onde sempre trabalhou. Já João Ralo contou-me que antes de ser a Casa do Povo, aquele local era um curral, e que foi das primeiras Casa do Povo feitas em Portugal, na altura de Salazar e que este também chegou a ir à Casa do Povo de Póvoa e Meadas referindo o acontecimento com o orgulho. Depois de vistas estas ruas que me pareceram ser as principais ruas da aldeia no que toca a atividades em comunidade, como as festas da aldeia e a de Santa Margarida, o mercado às quartas e até a venda de pão, insistiram para que fosse à casa de cada uma, Maria José Carita quis mostrar-me a sua casa, mostrando-me todas as obras que já teve de fazer na mesma, pois é uma casa muito antiga que pertencia à sua mãe, mas que enverga com muito orgulho, pois claro, não há casa como a nossa. Sendo assim, Joana Rosa Barrento também fez questão de me mostrar a dela, também muito antiga, mas que também já sofreu algumas obras, ambas foram bastante atenciosas e hospitaleiras, depois de vistas as casas, ainda fui ver a zona por cima das suas casas, sim, porque Joana Rosa Barrento e Maria José Carita moram na mesma rua, mesmo uma à frente da outra. Fomos então ver o resto da rua para cima, onde existem várias garagens e terrenos com hortas, mas onde também se lê em muitas casas o letreiro ‘Vende-se’, por isso, me diziam as duas com alguma mágoa que era só o que se via pela aldeia, casas para vender, porque efetivamente, muitas pessoas deixaram a aldeia. Ou então, como me explicava Maria José Carita, muitas pessoas como uma familiar dela mantém casa na aldeia, mas está praticamente o ano toda fechada, pois é só para quando vão lá passar algum tempo. A maior parte das habitações na aldeia estão desabitadas ou abandonadas. A meu ver, faz

## O Andanças e 'As Andanças'

sentido referir estes acontecimentos, pois representam de que forma os habitantes da Póvoa vivem e acarinham a sua aldeia, justificando assim a razão pela qual a aldeia lhes diz tanto.

A vida na aldeia a meu ver encarrega-se de dar mais tarefas às senhoras, do que aos senhores, o que não sei se é exclusiva desta aldeia. As senhoras reformadas, que foi com a maioria das senhoras com quem falei, fazem as tarefas domésticas da casa, vão à missa, rezam o terço, frequentam os encontros das bordadeiras nas quartas e quintas, e dão uma voltinha a pé pela aldeia ao final da tarde. Já os senhores com quem falei, todos eles já viúvos, fazem também alguns dos seus afazeres domésticos, dão uma voltinha pela aldeia, vão ao café, sentam-se à conversa com quem passa no largo do jardim, alguns têm uma horta e por isso tratam da horta logo bem cedinho, e assim se leva a vida na aldeia para os mais velhos. Há ao fim de semana também algumas excursões organizadas pela Câmara Municipal de Castelo de Vide, mas que dispõe de um número destinado à população de Póvoa e Meadas muito reduzido, coisa como seis pessoas, deixando pouca oferta para a população de Póvoa e Meadas, anteriormente, haviam onze lugares, mas reduziram para seis lugares, que rapidamente são ocupados, existindo sempre uma lista de espera para no caso de haverem desistências colocar logo alguém nesse lugar.

Para Castelo de Vide há apenas um autocarro diário que vai de manhã e só regressa ao final da tarde, o que se queixavam algumas senhoras com quem falei que para tratar de alguma coisa em Castelo de Vide sem carro próprio é uma "chatices", porque têm de ir para lá logo de manhã e depois mesmo que se despachem mais cedo, têm que ficar lá o dia todo. O que faz com os habitantes de Póvoa e Meadas se sintam um pouco isolados de Castelo de Vide e privados de aceder aos serviços de igual forma que os de Castelo de Vide, o que mais uma vez, serve como contribuição para a rivalidade entre eles.

Há ainda outra festa na aldeia muito relevante e importante para estas pessoas, que são as festas de Nossa Senhora da Graça que é a padroeira do Lar e da aldeia de Póvoa e Meadas, daí que também toda a comunidade seja chamada a assistir e a fazer parte desta festa, que começa logo na noite de dia 14 para 15 de Agosto, sendo que o dia da festa é mesmo a 15 de Agosto, feriado nacional. No dia 14 começa com um baile no lar, e no dia 15 há uma missa, uma procissão e por fim uma tourada. Sendo que é muito normal, nesta aldeia haverem muitas touradas, garraizadas e largadas. Nesta aldeia há um carinho muito especial para com o Lar, principalmente, por este ser, um motivo de agregação da comunidade e pelo serviço que presta aos familiares mais velhos que por força das circunstâncias de saúde e da vida tiveram que ir para este local. O mês de Agosto é na verdade, como em praticamente todo o país, o mês mais feliz e ativo desta aldeia com as festas da aldeia, a festa do lar e a permanência de tantos familiares vindos de longe que passam férias na aldeia durante este tempo.

Nesta aldeia, realizam-se algumas tradições já praticamente extintas em todo o território nacional, como a festa das Maias. Neste dia, as crianças da aldeia são cobertas de flores e vão pelas ruas da aldeia pedir uma moedinha à Maia, como sinal de prosperidade para a Maia que é a Primavera.



## 2.2 Memórias da barragem

A barragem da Póvoa, como lhe chamam as pessoas desta aldeia, configura-se exatamente como a reminiscência que Sobral (1995) refere, pois é ponto incontornável quando se fala de Póvoa e Meadas, pelo ideal que esteve na construção da barragem, o ano em que foi construída, pelo responsável pela mesma ser de Póvoa e Meadas e porque faz parte do imaginário de infância e juventude de muitos habitantes de Póvoa e Meadas, e uma idade tão doce como é a infância e a juventude, se feliz sempre deixa marcas de carinho profundo a quem as tem. Para além de que a barragem tornou-se para muitas pessoas da aldeia o seu local de trabalho, sustento e até local de habitação, pois durante alguns anos os trabalhadores da HEAA e respetiva família viviam na barragem.

Alguns dos relatos dos habitantes da Póvoa sobre a barragem são realmente sentidos, porque fazem parte de uma vivência e uma memória que os acompanha desde há muito tempo, uma memória marcada e sentida que tem sentido e confere sentido às suas vidas.

A apropriação de um espaço consiste em estabelecer com ele relações afetivas e ricas de sentido, o que significa que uma pessoa gosta de viver lá, de sentir que o espaço nos valoriza aos olhos das pessoas nossas conhecidas, que este perde o anonimato para se tornar “nosso”, o “nosso” jardim, a “nossa” casa. Contudo, o espaço não é apenas um mero efeito da estruturação socioeconómica. Ele é, acima de tudo, o suporte territorial, sobre o qual e através do qual a atividade social se desenvolve pelas práticas, representações e imaginário, ou seja, o espaço é um produto e produtor de relações sociais. (Reino, 2002: 49-50)

As pessoas na e da Póvoa sentem este tipo de sentimentos pela barragem, por muitas razões, a primeira tem que ver com o facto de ter sido construída e idealizada por uma pessoa da aldeia, o Engenheiro Custódio Nunes, mas também, por muitas outras, como, ter sido uma construção pioneira na altura e na zona, tendo sido construída em 1927 esta que foi a primeira barragem Hidro Elétrica de Portugal, pelo ideal de modernizar e de gerar progresso que esteve na motivação do Engenheiro Custódio Nunes em construir uma barragem num local tão desertificado, mesmo no centro de Portugal, no interior alentejano, como é o local desta barragem e pela forma como financiou a construção da barragem.

Nas 'Memórias da Barragem', os testemunhos foram bastante emotivos sempre que referiram o Engenheiro Custódio Nunes, Abel Dias, natural de Póvoa e Meadas que trabalhou na Central Hidro Elétrica da barragem, chegou mesmo a dizer em tom irritado que “Senhores como o José Nunes são poucos, agora só há é bandalnice.” Jorge Rosa, residente e historiador na Póvoa, ainda sobre o Engenheiro Custódio Nunes e sobre o ideal da barragem, referiu que “A barragem é a prova evidente de que sonhar às vezes é possível, e o engenheiro tinha um gosto pessoal pela barragem, isto era um jardim, um paraíso, um mimo. Por isso, é que isto ao ser nacionalizado deixou de ser cuidado e mimado.”

Enquanto a barragem foi posse da Hidro Elétrica do Alto Alentejo, as pessoas que lá trabalhavam sentiam-na como deles e por isso estimavam-na e tratavam-na como deles, exemplo disso, eram as

## O Andanças e 'As Andanças'

hortênsias que muitas pessoas com quem falei referiam sempre que me falavam na barragem, Isabel Carita (filha) até referia que a imagem que tem mais nítida dessa altura eram o tamanho das mesmas, que chegavam a ser maiores que ela e que apesar de ter aprendido a nadar na barragem com o pai que ia muitas vezes pescar para a barragem e a levava, não se lembra tão bem do espelho de água, como se lembra do jardim das hortênsias. E acrescenta que, "Todos na Póvoa estão ligados emocionalmente à barragem. A barragem tem uma carga emocional muito grande, porque está ligada à nossa infância e de todos."

Ainda nas 'Memórias da Barragem' o antigo presidente da Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas contava que fez amigos na barragem e que um dos moinhos que existe na barragem era do seu avô que se fosse vivo não ia acreditar que chegava água potável ao moinho. Já Jorge Rosa entende a barragem como um museu vivo, pelas histórias e história que carrega. Como ele próprio explica, ia para a barragem aos fins de semana com o pai vender bebidas e que se lembra que foi nessa altura que começaram a surgir os primeiros turistas que ele se recorda muito bem, porque contrariamente aos portugueses que quando terminavam de beber a sua bebida deitavam a garrafa para o chão, os turistas não o faziam e lembra-se disso muito bem, porque o pai obrigava-o a recolher todas as garrafas não por uma razão ecológica, mas por razão económica, pois o pai beneficiava ao devolver as garrafas. Também João Tumulto, membro da Associação Nisa Viva, conta que durante o Verão vinha aos sábados com os familiares e amigos abastecer-se a Castelo de Vide e que paravam para almoçar na barragem.

A população da Luz está perante a irreversibilidade e inevitabilidade de um processo, a sensação de perda de um passado que, de futuro, se existir, só existirá sob a representação de memórias. (...) A Luz constitui uma comunidade que mantém a coesão, tirando partido do espaço e em proveito da coletividade. (Reino, 2002: 4)

Sendo assim, João Pedro Reino (2002) que escreveu sobre a aldeia da Luz que foi submersa pela Barragem do Alqueva, e construída noutra local, tentando ser o mais fiel à antiga submersa, apresenta algumas conclusões no seu estudo, que eu encontro também na situação da Barragem da Póvoa com a diferença de que a da Luz foi criada e a da Póvoa foi privatizada, mas o paralelismo é possível, pensando na ideia que o autor sugere que é o espaço da aldeia da Luz que foi retirado para construção da Barragem do Alqueva que fomenta a coesão da comunidade e fomenta em proveito da coletividade, o mesmo, a meu ver, acontece com a Barragem da Póvoa, pois é o espaço da barragem que em tempos fomentou a coesão da comunidade da aldeia de Póvoa e Meadas, logo no momento da sua construção, tanto na angariação de recursos para a mesma, como, no passado de glória quando os trabalhadores viviam naquele espaço. E que no presente volta a reunir gentes no dia da Barragem, no festival Andanças, e, ou em todos aqueles que em prol da divulgação para manutenção, revitalização e requalificação do espaço da barragem se juntaram durante o meu processo de pesquisa para me falarem dela, sempre com um brilho nos olhos comum a qualquer um deles. É o espaço tanto no exemplo da aldeia da Luz, como, na Barragem da Póvoa que concentra memórias de tempos áureos, ou simplesmente outros tempos, que reúne pessoas e nos mostra com

isso o seu imenso valor para a compreensão das mesmas, e, no fundo, do Homem, da Humanidade em geral.

### 2.3 A recetividade ao Andanças

A notícia da chegada do Andanças para a barragem da Póvoa foi para aldeia algo que trazia muita estranheza, muitas questões e apreensão. Muitas pessoas na aldeia tinham a opinião de que um festival assim viria trazer pessoas que consomem drogas, roupas *hippies*, pessoas sujas e mal cheirosas. A expectativa dos habitantes da aldeia, principalmente, a dos mais velhos que, como já referi, é a maior parte da população, em relação ao Andanças, era depreciativa, pelos exemplos mais próximos que conhecem, como, por exemplo, o *Freedom* em Vila Fernando, Elvas, ou o Sudoeste na Zambujeira do Mar.

Como me disse, Micaela Canelas, secretária da Junta de Freguesia, com quem muitas vezes conversei, numa das vezes em que fui à Junta, ainda antes da edição de 2014 do Andanças, as pessoas da Póvoa estavam muito receosas em relação ao Andanças, pois tinham medo que o Andanças fosse levar para a aldeia, pessoas como as que já antes referi.

O que se refletiu no receio por parte da população de Póvoa e Meadas em alugar casa e quartos aos participantes do Andanças, contudo, algumas pessoas mais jovens da aldeia alugaram quarto, casa e houve até um casal que alugou o seu quintal devidamente arranjado com o propósito de acolher participantes do Andanças em regime de acampamento, com todas as condições, acesso à casa de banho, cozinha e até mesmo internet. Explicam que fizeram-no mais do que pelo propósito económico, pois esta não era a sua prioridade quando criaram este projeto denominado de *Acampar n' Aldeia*, mas sim a oportunidade de pessoas que não são da aldeia puderem estar a dormir na aldeia, pois acreditam que esta é uma das melhores formas de levar mais pessoas à aldeia, já que a consideram única, pela história, pela vida e pelas pessoas que a habitam. O *Acampar n' Aldeia* é um projeto que nasce do sonho de Nuno Fidalgo em levar mais pessoas a conhecer a aldeia que o viu crescer e onde vê crescer a sua família, no fundo é um projeto de profundo carinho pela e para a aldeia que dá a possibilidade a quem escolhe este modelo de alojamento na aldeia de a conhecer de uma forma que se pretende muito próxima com quem nela vive e com aquilo que nela se faz.

Como, por exemplo, as festas da aldeia que se realizaram na semana antes de começar o Andanças 2013, em que há garraizadas, largadas, tourada, procissão, e que nesse ano terminaram com um baile, onde estiveram presentes os voluntários do Andanças, uma vez que, a seguir ao último dia das festas, começou o Andanças, e que a organização do Andanças se refere a ele como o 'Baile dos Voluntários'. Neste baile, realizado no recinto das festas, e que foi à noite, o presidente da Junta atual, que na altura ainda não o era, diz que não gostou da aparência de algumas das pessoas, e que, mais propriamente havia um senhor vindo d' *as Andanças* (como diz, tal como muitas mais pessoas da aldeia que se referem ao Andanças, dizendo, '*as Andanças*') que estava a enrolar um cigarro e que até podia ser simplesmente tabaco, mas com aquelas roupas a fazer aquilo, só dava impressão de que estava a preparar outra coisa que não fosse cigarro de tabaco. E, que isso na opinião dele, para aquelas pessoas mais velhas não fica bem, dando assim uma imagem má do

## O Andanças e 'As Andanças'

Andanças, ainda que possa ser uma imagem errada por não corresponder ao que exatamente o senhor estava a fazer, na opinião do mesmo, estas atitudes contribuem para construir a imagem com que as pessoas mais velhas ficam dos participantes do Andanças e isso pode não ser bom.

Também ainda sobre este baile, Isabel Carita (mãe), com quem falei, apenas uma vez, numa das sessões das bordadeiras na Junta, tem uma opinião muito negativa sobre o Andanças, ela explica que toda a gente diz que o Andanças é muito bom para a aldeia e para o concelho de Castelo de Vide, mas ela ainda não viu nada, pois praticamente ninguém foi à aldeia por causa do Andanças, não houve mais movimento na aldeia nessa semana, e que o Andanças ter ido para ali é bom, mas é só bom para a organização do Andanças que tem trabalhadores da câmara a trabalhar para eles na barragem, e que quem paga são os contribuintes do concelho, logo, os habitantes de Póvoa e Meadas e de Castelo de Vide. Na opinião da mesma o Andanças não melhorou a vida pessoal dos habitantes da aldeia como prometeram os organizadores do Andanças, nem acrescentou nada à vida na aldeia, como explica Isabel Carita (mãe), na opinião dela o Andanças é bom só para a organização do Andanças. E, acrescentou que em relação ao baile, ela não esteve no baile e por isso não viu, mas que lhe contaram que do outro lado do edifício onde não ocorria o baile, pessoas do Andanças que foram ao baile tiveram a fazer “desavergonhisses” e coisas que não se devem, e eu perguntei-lhe que coisas foram essas, mas simplesmente repetiu que eram coisas que não se deviam fazer e que isso, na opinião dela foi algo que deixou uma imagem muito negativa sobre as pessoas do Andanças para os habitantes da Póvoa.

Porém, ainda no mesmo dia, também nas bordadeiras, em que a Isabel Carita (mãe) me dizia o que acabei de referir, Joana Rosa Barrento em relação à participação dos voluntários do Andanças no baile das festas dizia que gostou muito de ver, e que eles animaram muito o baile, com aqueles passos diferentes e com as rodas que faziam, ela gostou muito de ver e só teve pena de não conseguir dançar com eles, mas que estava sentada a apreciar as danças e que ficou mesmo contente de ver o baile tão cheio, animado e com tanta juventude, que já há muito tempo não se via assim e que lhe lembrava os velhos tempos de juventude, chegou mesmo a admitir que desejava que fossem sempre ao baile, para animar tanto como naquela vez. E, em resposta, ao que Isabel Carita (mãe) disse sobre as “desavergonhisses”, diz ter estado no baile e não viu nada disso que lhe contaram, muito pelo contrário, ficou com uma muito boa impressão do baile e dos participantes do Andanças.

Na verdade, esta iniciativa de se fazer um baile com voluntários do Andanças, foi visto, pela maioria dos habitantes da aldeia com bons olhos e, na minha opinião, segundo aquilo que averigui a maioria das pessoas falar sobre este baile, mostrou à população um pouco daquilo que se vive e em que consiste o Andanças, foi uma boa iniciativa para aproximar o Andanças à população da Póvoa, por parte da organização do Andanças.

E, que na edição de 2014, aconteceu mesmo, com um dia na programação do Andanças, denominado de Andamentos, em Póvoa e Meadas. Os Andamentos é um conceito/programa que existia nas edições anteriores do Andanças em S. Pedro do Sul, e que consistiam em passar um dia

## O Andanças e 'As Andanças'

inteiro durante a semana em que ocorria o Andanças numa das aldeias da zona circundante de S. Pedro do Sul, que se dirige aos participantes do Andanças e que tem como principal objetivo levar o Andanças à comunidade que o acolhe para que o conheça e sinta que lhe pertence. Em 2014 experimentou-se aplicá-lo pela primeira vez em Póvoa e Meadas, durante este dia que começou com uma “hora da bucha” na padaria da Póvoa, onde os participantes do Andanças puderam comprar o típico doce de Castelo de Vide e Póvoa e Meadas a boleima de maçã, ou o belíssimo pão alentejano, seguido de uma caminhada por Póvoa e Meadas com Jorge Rosa o que concedeu um teor histórico à visita pela aldeia, antes do almoço no restaurante Oásis onde foi servido um prato de veado, houve ainda antes do almoço uma visita ao Museu de Póvoa e Meadas. Depois do almoço, seguiu-se a tradicional sesta alentejana, e logo de seguida uma conversa com as bordadeiras no Lar, foi um momento maravilhoso em que o Andanças e a aldeia se encontraram, na partilha de histórias e memórias sobre as suas vidas na aldeia, dos tempos de infância e juventude, foi realmente um encontro entre o festival e a aldeia, que provou para as bordadeiras mais desconfiadas com o propósito do Andanças, o verdadeiro teor do mesmo no que tem que ver com o pilar da comunidade. Logo de seguida, mais uma vez o festival se encontrou com a comunidade numa sessão de contos pelos *Contabandistas* com a participação de João Sacramento que é natural de Póvoa e Meadas onde sempre viveu, tem 93 anos e é verdadeiramente um contador de histórias. Contados os contos, iniciou-se uma oficina de dança no pátio do Lar tal como acontece nos palcos do Andanças, neste momento, todos dançaram ao som dos *Scandill*, que ensinaram danças italianas, nesta oficina de dança muitos foram os habitantes de Póvoa e Meadas tal como alguns dos utentes e funcionários do Lar que experimentaram e quiseram dançar esta dança. Logo de seguida, um jantar confeccionado e servido pelo Lar no pátio deu por terminada a tarde e início de noite no Lar. Terminado o jantar a Banda Filarmónica da Póvoa fez uma parada pela aldeia, onde se promovia chamar todos para o baile animado pelos *Scandill* no Rossio que foi o momento alto do dia, o Rossio estava recheado de crianças, jovens e habitantes da aldeia de todas as idades que ali se reuniram para assistir e participar no baile, ao som deste grupo italiano participantes do Andanças e habitantes de Póvoa e Meadas dançaram os passos que aprenderam e os que improvisaram, numa fusão da comunidade do Andanças com a de Póvoa e Meadas repleta de alegria, dança e música. O baile durou e fez com que todos se pudessem sentir como parte integrante e fulcral do Andanças, cada um à sua maneira participou, mas no final o importante foi que os habitantes da aldeia conseguiram perceber do que se trata o Andanças, o que lá se faz e no que consiste, para além de que ao ter ido até à aldeia foi um ponto bastante positivo já que levou o Andanças até lá. 'As Andanças tiveram na aldeia.



### Capítulo III - O Andanças

Conhecido por ser um festival de música e dança tradicional, o Andanças, é como que uma aldeia global, localizada, desde 2013, na Barragem de Póvoa e Meadas, e antes tinha sido em Évora, Fraguinha - Serra da Gralheira, Carvalhais - S. Pedro do Sul e Celorico da Beira, este festival que se ergue sob os pilares música e dança, comunidade, voluntariado e sustentabilidade, desde a sua primeira edição em Évora, que tem vindo a crescer em todos os sentidos, programação, voluntariado, público, entre outros, agora neste novo local, que escolheu por variadas razões, entre elas, a beleza natural indiscutível e evidente do local, tem vindo a enfrentar alguns desafios, que ao os ultrapassar ganha força para continuar. Todas estas razões se prendem com ideais muito específicos do Andanças e da própria PédeXumbo, entre eles, o desenvolvimento de locais rurais, potencializando-os através das suas raízes, das suas tradições, daquilo que os torna particulares e únicos, reinventando-as.

Como, a organização refere orgulhosamente, o Andanças não é um resultado da Associação PédeXumbo, mas sim o inverso, a PX surgiu em 1998, e o Andanças em 1996, para legalizar o Andanças que foi criado por um grupo de jovens portugueses, surgindo como uma alternativa aos outros festivais de Verão, neste espaço partilham-se e cruzam-se propostas para um mundo melhor, onde também se dança e se faz música. O Andanças assenta em quatro pilares, música e dança, ambiente e sustentabilidade, voluntariado e comunidade, é a partir destes que se exprime e ganha a vida que tem. Todos são voluntários, desde os músicos, aos organizadores, e até mesmo quem lava a loiça na cantina ou faz a recolha e seleção do lixo! Todos são voluntários. Na cantina onde existe a “dose certa” a pensar na sustentabilidade do planeta, dose esta que possui “km zero”, porque é comidinha feita com os produtos oriundos da região onde se fixa, poupando na quantidade de poluição que seria feita se os produtos fossem para o Alentejo e viessem do Minho, por exemplo, mas também, fomentando a produção local da comunidade onde se insere. Ah, e enquanto isto, é possível dançar uma *salsa*, ou um *kuduro* nos variados palcos, onde artistas, músicos, participantes, voluntários e organização dançam sem exceção, ao som das mais variadas músicas do mundo, e não é tão garantido que oiçam a mesma música da mesma forma pelo mesmo grupo em dias diferentes, pois é, bem provável que no início do festival a toquem e interpretem de uma forma, e que no final a toquem juntamente com outro grupo, de maneira totalmente diferente, onde quiçá a letra é diferente ou os instrumentos são outros, no Andanças há espaço para se inovar, mudar, e misturar, nada é garantido e o melhor é mesmo a descoberta, a aventura de inventar e inovar em tudo aquilo que se faz. Há espaço para cada um ser o que é sozinho ou, juntamente, com os outros e com o mundo, da forma que quiser, quantas vezes ousar, para todos há espaço neste festival, tal como, esperam que haja no mundo. O Andanças é uma utopia, que na verdade existe, e que se torna material todos os anos uma vez por ano, numa semana em Agosto.

## O Andanças e 'As Andanças'

### Associação PédeXumbo (PX)

A PédeXumbo (PX) é uma associação portuguesa, criada em 1998, e que promove a dança e música tradicional, não só de Portugal, mas de todo o mundo, e as suas principais ações consistem em fazer festivais, como o Andanças e o Entrudanças, por exemplo, onde colocam como eles referem «(...) em prática a filosofia da cultura participativa e de “aprender fazendo”(...)» (Conferência de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro) e recuperar e divulgar práticas culturais. Para isso, fazem investigação, constroem um arquivo etnocoreológico português, dão formação através do ensino formal e informal que está direcionado para todas as idades, e, por fim, apoiam também a criação artística, editando assim CD's, DVD's, livros, entre muitos outros, pois acreditam que não há limites para a criatividade.

À semelhança dos quatro pilares do Andanças, também a PX tem uma carta de compromissos, com o objetivo de assegurar «(...) uma atitude atenta e responsável em todas as suas atividades.» (Comunicado de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa) e cujos pontos são de teor cultural, social, ambiental e económico.

Para a PédeXumbo não são os acervos da cultura material que servem para transmitir os saberes associados à dança e à música, mas sim a aprendizagem e o espetáculo, em outras palavras, a *performance per se* que serve de transmissão. (Isnart, 2013: 13)

A PX inovou com o seu projeto e com a forma com que pretende que a dança e música tradicional não se perca, sendo que o seu objetivo é o de valorizar as danças rurais tradicionais, inspirada na fórmula natural e genuína da transmissão entre gerações bastante frequente no passado, quando os mais novos aprendiam nos bailes e romarias as danças que viam os seus mestres e parentes dançarem, agora isso não é tão frequente, contudo, a PX pretende que também através das técnicas corporais, do corpo se transmita estes saberes culturais, que eles entendem possuir demasiado valor.

(...) a maneira de promover a dança pela PédeXumbo é mais política, reivindicativa, até utópica e é o testemunho de um conjunto de representações políticas, culturais e patrimoniais que se encontra longe dos mecanismos e das rotinas do património cultural institucional. (Isnart, 2013: 7)

Para além disso conseguiu abolir a ideia que o Estado Novo promoveu sobre a dança tradicional portuguesa, principalmente, com os Ranchos Folclóricos, que tinha como único objetivo usar a cultura popular para fins políticos e turísticos. (Isnart 2013) Mas não só, a transmissão é uma das formas pela PX em manter o património cultural, também a pesquisa de campo e o inventário fazem parte das metodologias usadas pela mesma, segundo, as suas ideologias e políticas, para que, os saberes ligados à dança e a dança não sejam perdidos ou fiquem só com as pessoas mais velhas.

Porém, a PédeXumbo aproxima-se do modelo institucional e estatal do património cultural, uma vez que a sua orientação e ambição científicas impõem seguir umas das metodologias do mundo da



## O Andanças e 'As Andanças'

conservação cultural, nomeadamente através da pesquisa de campo, do inventário e da transmissão, compondo-os segundo a sua intenção política e coletiva. (Isnart, 2013: 7)

E, foi principalmente, esta ideia de não deixar esquecidos ou perdidos os saberes ligados à dança que esteve no fundamento da criação desta associação, em 1998, e que se mantém nos dias de hoje como objetivo fundamental desta associação, trabalhar a cultura popular de forma contemporânea, ativa e criativa. E, fá-lo, como explica Isnart (2013) seguindo duas linhas, a primeira tem de ver com a ideia de que a PX considera que a dança tradicional portuguesa mais do que passos e músicas tem de ver com a “técnica de corpo” (Mauss 1935), que retêm as maneiras e características culturais que originam então a dança, o movimento.

A utilização de um conceito cultural e antropológico serve de fato para dar à dança tradicional o estatuto de bem cultural e uma legitimidade na sociedade que foi muito dificilmente reconhecida anteriormente, como também para equiparar a dança tradicional rural com as formas contemporâneas da dança, valorizadas pelo poder estatal e pelo mundo intelectual e que têm uma legitimidade social, comercial e artística mais evidente e menos equívoca. (Isnart, 2013: 8)

A segunda, baseada na pesquisa, daí que a associação trabalhe em colaboração e parceria com profissionais de variadas áreas relacionadas com os estudos de música e dança, tanto nacionais ou estrangeiros, da etnologia e da etnomusicologia, pois acreditam que é através da mostra de evidência de que a dança popular está a morrer, a transformar-se e a perder autenticidade que faz com que ajude a salvá-la, através de pesquisa científica, que faz com que esta venha a ser considerada património, já que entendem património, como um meio de se relacionarem com o presente para construir o futuro. O mesmo acontece, com a população de Póvoa e Meadas em relação à barragem, são as memórias que detém daquele mesmo espaço que faz com que possam sentir-se detentores de um património imaterial que vai para além da Central Hidroelétrica ou do evidente paredão da barragem. Contudo, o património que à PX realmente lhe importa são as pessoas que guardam em si estas tradições relacionadas com a música e a dança, tal como, todos aqueles que vão às atividades promovidas pela associação, aos que querem também receber estas tradições, o que leva a concluir que realmente aquilo que a PX quer salvaguardar são os saberes, as memórias e as tradições que as pessoas possuem, para que as possam transmitir, permitindo que se transformem e desenvolvam, sem se perderem, conferindo-lhes assim dignidade política e social, já que são detentoras de património coreográfico e musical, e que por serem na sua maioria relegadas pelo poder dominante, encontram assim uma forma de se afirmarem e combaterem essa realidade.

No caso da PédeXumbo, as listas são também variadas e diferentes umas das outras, mas têm a faculdade de mudar o estatuto dos objetos inscritos em algo de cultura, deixando de ser coisas do povo esquecidas e vulgares. Os programas de concertos, de oficinas de dança, de festivais funcionam do mesmo modo: o fato de fazer parte de uma programação da PédeXumbo contribui para que os artistas e as suas produções recebam uma legitimação patrimonial e cultural. (Isnart, 2013: 11)

### 3.1 Breve apontamento comparativo: *Freedom* e Entrudanças

O festival *Freedom* ocorreu entre os dias 13 e 18 de Agosto de 2013, em Vila Fernando, Elvas, onde fiz trabalho de campo que se baseou em visitas diárias, com tempo variado e em alturas do dia diferentes, pois ao contrário do que aconteceu no Andanças e no Entrudanças, não estive no *Freedom* durante todo o seu tempo de duração em regime de acampamento, tendo por isso tido necessidade de presenciar os diferentes momentos do festival, indo lá em diferentes alturas do dia. Houve dias em que estive lá de manhã, outros à tarde e outros à noite, porque neste festival existem realidades distintas que variam nestas três partes do dia, e que são relevantes para elucidar algumas das diferenças que há entre este festival e o Andanças.

De manhã podem ver-se famílias com crianças pequenas, até mesmo bebês, ainda que não sejam muitas, como acontece em grande número no Andanças, público de gerações etárias mais elevadas que, tal como, as famílias, por exemplo, é muito raro encontrar à noite, ou até mesmo de tarde, o que eu penso que tem que ver com as condições atmosféricas (temperaturas bastante elevadas) que se sentiram esse ano durante o festival, há uma maior afluência aos banhos, o *dance floor* (local onde os maiores nomes do festival atuam, é considerado pelos participantes o sítio fulcral do *Freedom*) tem um número mais reduzido de pessoas em comparação ao mesmo à noite e os próprios artistas que normalmente atuam a essa altura do dia tem um reportório mais calmo, deixando o mais pesado para a noite. Também de manhã, há uma grande saída dos participantes do festival *Freedom* até Vila Fernando ou Elvas para onde se dirigem mais, uma vez que, vão fazer compras e aí há mais oferta, sendo que Vila Fernando é uma aldeia e não está abastecida de grandes superfícies de compra, ao contrário de Elvas, que ao ser uma cidade, oferece um variado número de superfícies, equipamentos e serviços que Vila Fernando não tem ao dispor. Também a maior parte das tendas de comida, roupa e afins situadas no recinto do festival estão fechadas, sendo que há uma ou duas de comida que abrem, já que têm ao dispor menus de pequeno-almoço. Na tenda denominada comumente pelos participantes como *chill out*, da parte da manhã há yoga, exercícios de relaxamento e alongamentos, um pouco também semelhante à programação das manhãs no Andanças. E, a maior parte dos participantes durante a manhã está concentrada na zona de campismo. O parque de estacionamento de manhã é quando tem o menor número de carros, o que penso que evidentemente tenha que ver com a saída de muitos participantes do recinto do festival, já que para se deslocarem do recinto do festival até Elvas ou Vila Fernando é necessário usar algum meio de transporte, pois a distância ainda é de alguns quilómetros, tal como, aconteceu no caso dos participantes do Andanças que se dirigiam a Castelo de Vide para irem fazer compras ao Pingo Doce.

Ao início da tarde há muito pouco movimento no recinto e algumas das tendas de roupa e afins abrem, tal como a maioria das tendas de comida. O *dance floor* começa a ter um maior número de público e a tenda *chill out* também. Durante a tarde, assisti nesta tenda a *workshops* de *didgeridoo*, dança hindu e yoga, novamente. Na albufeira de que dispõe o recinto é de manhã e de tarde que mais pessoas se veem a banhar e a apanhar sol, a meditar, entre outros. Ao final da tarde o parque de estacionamento começa a crescer em número de carros estacionados, a zona de

## O Andanças e 'As Andanças'

campismo fica menos movimentada, e aumenta o movimento no *chill out* e no *dance floor*, todas as tendas de comida, roupa e afins estão totalmente abertas e por isso também aumenta o movimento perto desses mesmos sítios, já a albufeira reduz para metade no número de banhistas.

Por fim, pela noite dentro o centro do festival é o *dance floor*, a partir da meia-noite as tendas que vendem roupa e afins fecham, as de comida estão abertas toda a noite, fechando só pela manhã, e o *chill out* ao contrário do ambiente que vive durante o dia, em que conta com yoga, *workshops*, onde as pessoas durante o dia tiveram a dançar e conviver, serve agora de local de descanso, vendo-se muitas pessoas deitadas e a dormir. Na zona de campismo, pouco ou nenhum barulho de conversas se ouve e o movimento é muito reduzido, já o parque de estacionamento está dez vezes mais ocupado do que aquilo que estava de manhã ou de tarde, pois também há muitas pessoas da zona, que vão ao festival só mesmo durante a noite e ficam até de madrugada, uma vez que, justificação dada por alguns participantes com que falei é de noite que os artistas mais conhecidos do estilo atuam.

Sendo assim, por esta breve descrição do quotidiano diário do *Freedom*, há bastantes alterações que variam consoante a altura do dia e por isso, eu não estando lá sempre, como aconteceu no festival Andanças, ao aperceber-me desta variedade, quis estar presente nas diferentes alturas do dia para dar conta de todas elas e assim perceber se esta dinâmica nas diferentes partes do dia tem alguma coisa de semelhante com as dinâmicas do Andanças, daí esta breve descrição do *Freedom*. Para além, de que foram estas dinâmicas de que me apercebi no *Freedom* que direcionaram também o meu olhar antropológico no trabalho de campo que vim depois a fazer no Andanças.

O Entrudanças, realiza-se já há mais de dez anos atrás e tal como, o Andanças começou em Évora, tendo depois mudado para a aldeia de Entradas do concelho de Castro Verde, e ocorre sempre no fim de semana que apanha a terça feira de Carnaval, no entrudo, daí a brincadeira com o nome do festival. Na edição de 2014 o Entrudanças, foi entre os dias 28 de Fevereiro a 2 de Março, onde vi situações muito semelhantes a que também pude assistir no Andanças, como rodas onde pessoas que não se conhecem de lado nenhum, dão as mãos e dançam coordenadamente, ao som de uma música que muito provavelmente nunca ouviram, ensinados e conduzidos por monitores vindos do outro lado do mundo. No Entrudanças fiquei a perceber que a sinergia que guia e alimenta o Andanças é exatamente a mesma, dando-me assim a possibilidade de arranjar um termo de comparação justo, ao contrário do que acontece com o caso do *Freedom* que pelas suas diferenças evidentes com o Andanças não é tão possível de comparar. Para além, do pilar comunidade muito importante nesta dissertação quando falo do Andanças e que também encontrei no Entrudanças, que pelas dimensões distintas de duração entre um e outro, é-me impossível pelo período de tempo de trabalho de campo que fiz acerca das opiniões das pessoas que recolhi, apresentar a mesma quantidade e por sua vez qualidade do mesmo no Entrudanças como aquele que recolhi no Andanças, mas serve e serviu mais uma vez de um método de abordar as questões nas quais esta dissertação se debruça. Também, no Entrudanças 2014 fui voluntária e nesse sentido, deu para comparar o voluntariado no Andanças 2013 e no Entrudanças 2014, sendo que, as tarefas eram

## O Andanças e 'As Andanças'

muito mais reduzidas em comparação com as que há no Andanças, porém, não acho que tenha sido uma mais-valia do mesmo jeito que foi o voluntariado que prestei no Andanças, pelas tarefas que fiz num e noutro não terem nada que ver uma com a outra, contudo, tendo estado a ajudar no controlo de entradas no Centro Recreativo de Entradas, ponto central do Entrudanças, deu para eu ficar com uma noção de quantas pessoas, género e idade participaram neste festival o que me ajudou a refletir sobre quem se sente mais atraído a participar num festival como o Entrudanças e o Andanças, e que a meu ver, reflete os resultados do esforço que a organização tanto de um como de outro tem em oferecerem festivais que não fujam muito do local onde se instalam, aproveitando e explorando as suas tradições e raízes, daí grande parte da programação do Entrudanças, incluir oficinas de cante alentejano, muito característico do Baixo Alentejo e em especial do concelho de Castro Verde. E, o mesmo acontece, com a programação do Andanças ao incluir na mesma um *workshop* no forno comunitário do Andanças com a boleima, bem típica de Castelo de Vide, e, isto são apenas dois exemplos de como a PX se preocupa com as tradições nos locais que escolhe para fazer os festivais, provando mais uma vez de como o pilar comunidade é essencial para os mesmos, e provando assim também o meu argumento de que o Andanças não é um festival isolado, mas um festival em conjunto com um coletivo, que é a comunidade.

### 3.2 'As Andanças' (pela população de Póvoa e Meadas)

“Menina Elisa, mas afinal o que é isso d' *as Andanças*? E da PédeXumbo?”

Esta questão colocada por João Carrilho, surgiu numa das muitas conversas que tive com João Carrilho, António Videira Louro e João Ralo, após um longo tempo de conversa, o que eu achei bastante surpreendente e revelador daquilo que se passava na aldeia, a maioria das pessoas mais velhas da aldeia, não percebem, o que é o Andanças, e não me refiro, ao facto dele ser um festival de música e dança, isso eles já sabem, claro, mas sim, ao facto de não perceberem o nome assim para um festival, tal como, também não sabem o que é a PédeXumbo. E, com esta questão, ficou claro de que era preciso esclarecer as pessoas sobre isto, e que aquilo que é garantido de se apreender à partida pela maioria das pessoas, não quer dizer que o seja para todas, estas pessoas mais velhas pensam sobre o que se passa à volta delas, e gostam de perceber o que não entendem e por isso perguntam, sendo que, este tipo dúvidas a mim sempre me foram mais colocadas por pessoas do género masculino que do género feminino, e principalmente, por pessoas mais velhas, o que eu achei interessante, pois sempre que fiz trabalho de campo na aldeia senti que havia mais interesse por parte do género masculino em saber mais sobre o Andanças do que do género feminino e que, sinceramente, não faço ideia porque é que isso assim o é, mas que o é, é.

Retomando, o momento em que me é questionado o que é isso d' *as Andanças* e da PédeXumbo, eu senti que, na realidade também nunca me tinha questionado sobre isso e que, por isso, não tinha uma resposta oficial, isto é, a justificação para o mesmo por via da organização do Andanças, só uma ideia minha criada na altura, que era a de que seria Andanças, pois, o festival centra-se em danças, e tem o 'an' antes para remeter a andar, a movimento, a circulação, que é, o que se pretende durante o festival, que as pessoas circulem, andem, pelas oficinas, concertos,

## O Andanças e 'As Andanças'

conversas, filmes, que se movimentem no festival como se circular no mundo se tratasse, mas que pode também, ter a ver com o desejo que a organização tem em fazer do Andanças um festival que circule pelo país, que não se fixe apenas num local por um longo determinado de tempo. No fundo, a minha justificação, para o Andanças se chamar Andanças, é o de querer transparecer a ideia de que é um festival em circulação, em movimento, não só pelo movimento evidente que os corpos efetuam quando dançam, mas o movimento e circulação que se pretende que haja por parte desses mesmos corpos que dançam o *kuduro*, a *salsa*, o *hula*, entre outras, pelo mundo através da dança e da música no festival. Para além disto também o facto de ser objetivo do Andanças fazer circular, movimentar, andar as próprias danças tradicionais entre elas, e que tem que ver com a ideia muito clara do Andanças em querer mostrar tradições, mas de uma forma contemporânea, de forma fluída, tal como, a água, que muito mais que o homem se consegue embrenhar, circular, desviar, daí a importância da própria paisagem da barragem para aquele que é o conceito e imagem em que o Andanças assenta e se identifica, pode ser justificação para o nome Andanças. Também dado curioso sobre o uso deste termo, 'as Andanças, pelas comunidades que acolhem o Andanças não é novo, uma vez que, nas edições que ocorreram em S. Pedro do Sul, os habitantes de Carvalhais e S. Pedro do Sul, também se referiam ao Andanças como sendo, 'as Andanças, e a organização nunca quis corrigir isso, pois como eles próprios dizem:

(...) tratar o Festival como as Andanças, designação que nunca foi corrigida por se pensar que cada um pode ter a sua própria interpretação. Mas sem dúvida que a partir dessa data o Andanças passou a pertencer de corpo e alma à pequena aldeia (...) (Pereira, 2006: 12),

É muito revelador, já que, sem razão aparente, duas comunidades que não se conhecem, que acolhem o Andanças, referindo-se a ele desta forma. É bastante curioso, pois parece querer marcar o momento em que o Andanças deixa de ser exclusivamente da PX, para ser de S. Pedro do Sul e agora de Póvoa e Meadas.

Agora, a minha suposição, sobre o porquê do nome PédeXumbo, penso que tenha que ver com o *dizer* (palavra utilizada que sempre ouvi na minha zona dizerem para se referirem, a dizeres antigos) 'pé de chumbo' que as pessoas utilizam para dizer que alguém dança mal, e, que por isso, a associação esteja a querer dizer que é uma associação para todos, até para aqueles que não sabem dançar e têm 'pé de chumbo'. Outra razão, talvez tenha que ver com a relação imediata que ao saber-se o nome da associação sejam remetidos para a dança e para os dizeres antigos, para o que é tradicional, que são dois pontos bastante presentes e relevantes da associação. Isto foi o que expliquei a João Carrilho, a João Ralo e a António Videira Louro que também ouviram atentamente e que me pareceu ter ficado claro pelo menos para eles os três. Pelo menos, é o que Cyril Isnart também sugere.

PédeXumbo denomina-se ironicamente através de um jogo de palavra entre um pé de chumbo pesado e o objetivo da associação que é o de promover a dança, para a qual ninguém precisa de pé pesado, mas sim de pé leve! (Isnart, 2013: 6)

## O Andanças e 'As Andanças'

### Pontos negativos

Depois de que ocorreu o Andanças 2013, em relação ao aspeto das pessoas muitos mudaram a sua opinião, e, na verdade, também não foram tantas pessoas do festival para a Póvoa quanto desejado ou esperado pelos habitantes da Póvoa. E, isso é um dos pontos negativos referido por todos aqueles com quem conversei, a população da Póvoa pensou que com o Andanças na Barragem da Póvoa muitas mais pessoas passassem pela aldeia, mas não foi isso que aconteceu, e eles apontam alguns fatores que justificam isso, como, a falta de sinalização para Póvoa e Meadas tanto na barragem da Póvoa, como em Nisa, ou, em Castelo de Vide. Dizia João Carilho, António Videira Louro e João Ralo, que em Póvoa e Meadas e em Castelo de Vide há muita sinalização para Nisa, mas que em Nisa há muito pouca para Póvoa e Meadas, e, o facto de no folheto do Andanças, Castelo de Vide vir em letra maior do que Barragem de Póvoa e Meadas é também um dos fatores que eles apontam para o esquecimento da aldeia de Póvoa e Meadas e do qual não só estes três senhores se queixam, mas também a maioria das pessoas da aldeia com quem falei.

Outro ponto que muitos me referiram tem de ver com a ideia de que na aldeia se espera que o Andanças promova a aldeia, de modo a vir melhorar a qualidade e quantidade de vida na mesma. Daí que numa das sessões com as bordadeiras em que Isabel Carita (mãe) esteve presente e falou comigo, tal como, Joana Rosa Barrento também, Mercedes Flores, Palmira Caxadas e Maria José Carita que também estavam presentes iam dando as suas impressões, que posso desde já dizer, divergentes em grande parte da opinião das de Isabel Carita (mãe), a não ser num ponto, e que me chamou a atenção, que foi referido por Mercedes Flores. Quando a Isabel Carita (mãe) dizia que o Andanças não melhorou em nada a vida dos habitantes de Póvoa e Meadas, Mercedes Flores referiu que, nunca esperou que isso fosse acontecer, e que sempre achou que o Andanças não fosse melhorar a vida pessoal de cada um, mas que podia vir a mudar alguma coisa na aldeia, e até mesmo na barragem, mas que nunca achou que pessoalmente a sua vida mudasse.

Isto é algo de muito interessante, no sentido, que sugere a ideia de que quando se assume que o Andanças realmente vai trazer desenvolvimento local para o sítio onde se instala e tudo o mais, isso não quer dizer que mude a vida pessoal das pessoas desse local e isso, eu precisava de deixar claro no meu discurso e na minha dissertação sempre que referir o desenvolvimento e riqueza local na aldeia. Pois, o Andanças não consegue mudar a vida pessoal das pessoas da Póvoa ou de Castelo de Vide, o que o Andanças consegue fazer, é dinamizar a vida social, comunitária, associativa destes sítios, e, por conseguinte, imaginemos, alguém que tenha um negócio que possa ter oferta para a procura do que o Andanças precisa, pode vir a ganhar alguma coisa com isso e assim, certamente, que tendo em conta a dimensão do Andanças, pode ter ganhos extras durante o mesmo, mas, é realidade que o Andanças não vem para mudar a vida pessoal das pessoas. O que acontece é que por via dos pilares em que assenta e se constitui o Andanças, através do conhecimento dos mesmos, da presença no festival, do contato e convívio com a organização e com os participantes do Andanças, dá a possibilidade a quem o visite, conhecimentos e saberes que possam ser reinventados para uso do concelho, em via de o potencializar e dinamizar, mas também quem sabe em casa de cada um. Mas isso, também tem de partir por iniciativa das pessoas, o

## O Andanças e 'As Andanças'

Andanças apresenta soluções e ferramentas, mas depois a população do concelho é que tem de ser criativa e potencializá-las consoante também aquilo de que o concelho necessita.

Por exemplo, vejamos o caso do negócio familiar de habitantes de Póvoa e Meadas '*made by galhofas*', este negócio tem uma rica variedade de doces, bolos e compotas, e as compotas fazem parte da oferta dada pela cantina do Andanças no menu de pequeno-almoço servido na cantina, logo, este negócio foi o fornecedor das mesmas para o menu de pequeno-almoço da edição 2014 do Andanças. Conversei com um dos proprietários do mesmo já no último dia do Andanças a perguntar como tinha corrido a parceria com o Andanças, ao que me respondeu que tiveram imensas encomendas, a encomenda inicial que o Andanças tinha feito foi aumentando ao longo dos dias bastante depressa, o que assume ter sido bastante complicado, porque tiveram que trabalhar muito e depressa para conseguirem dar resposta aos pedidos. Este negócio, é portanto um exemplo bem-sucedido da cooperação entre um dos fornecedores locais e a organização do Andanças.

Para além do mais, por via de um pilar em que assenta o Andanças, ser o da comunidade e que contempla, a preferência do fornecimento da cantina e mercado do Andanças por fornecedores locais, a probabilidade de um fornecedor local vir a fornecer em vez de outro vindo do Minho ou do Ribatejo, por exemplo, é maior, pois a preferência por parte da organização em ter parceiros e fornecedores locais é real e fator que pesa na escolha dos fornecedores por parte da organização do Andanças. Ana Martins dizia-me que muitas das vezes podem até pagar mais por um produto fornecido por um fornecedor local, do que se fosse de outro fornecedor qualquer, mas que o fazem, pois é nisso que o Andanças se revê, em dinamizar e deixar riqueza local. É nisso que o Andanças assenta. E, é objetivo claro, criar parceiros entre a organização do Andanças e a comunidade, daí também o tema da edição do Andanças de 2014, ter sido 'Raízes'. Logo, na minha opinião, o Andanças ao incluir no programa questões ligadas ao local onde se inclui indica, que não pode ser feito em qualquer lugar do mundo, como acontece, com o caso, do *Freedom*, que pode ser feito em qualquer lugar do mundo, uma vez que, não é basilar para este festival questões centradas com o local, que tenham que ver com a comunidade do local, como acontece no caso do Andanças. E, isto é mais uma das razões que distingue o Andanças de outros festivais de Verão.

Ainda sobre os aspetos que as pessoas de Póvoa e Meadas consideram mais negativos, há um que sempre me foi referido e que realmente manchou muito a imagem do Andanças para as pessoas de Póvoa e Meadas, a questão do descarregamento dos resíduos sanitários do Andanças na ETAR da Póvoa na edição de 2013.

O que aconteceu é que havia um trator com o depósito respetivo para o efeito que transportava os resíduos do Andanças para os descarregar na ETAR da Póvoa, mas o que aconteceu é que as descargas não foram feitas corretamente, nem da maneira mais correta, nem no local certo, o que fez com que os resíduos que deveriam ter ficado acomodados na ETAR tivessem saído para fora, e ao que parece para o ribeiro, deixando um cheiro bastante desagradável pelas ruas mais próximas da ETAR na aldeia, e alguns resíduos também pelas ruas por onde o trator tinha de passar para chegar até à ETAR, contudo, à organização do Andanças, durante o festival, nunca lhes foi

## O Andanças e 'As Andanças'

chegada a informação de que as coisas em relação à descarga na ETAR, estavam a proceder desta forma, nunca lhes foi chegada qualquer reclamação durante a semana do festival, segundo a organização, só depois do festival, e alguns meses depois, o que fez com que, evidentemente a organização nada tivesse feito em relação ao assunto durante a semana de festival, para além disso, esta situação estava a cargo da empresa das Águas do Norte Alentejano, e não da organização do Andanças, porém, a população culpa a organização do Andanças pelo sucedido e é a questão negativa que mais pessoas da aldeia com quem falei referiram, inclusive, muitas vezes, ouvi a seguinte afirmação "O Andanças o que deixou cá, foi a *merda* que lá fizeram!", uma afirmação muito forte para uma primeira edição e impressão do Andanças num sítio novo, como o foi, em Póvoa e Meadas.

Houve muitas suposições, para que este incidente tivesse acontecido, entre elas, a de que a ETAR não tinha capacidade para recolher todos os resíduos do Andanças, dizem também as pessoas da aldeia, que em Agosto é quando a aldeia também tem mais pessoas, porque vão familiares e amigos para lá passar férias, logo aumentam também os resíduos produzidos pela própria população da Póvoa, e, que a culpa foi também da câmara de Castelo de Vide, que mandou irem despejar ali na Póvoa, em vez de, em Castelo de Vide, o que tem também muito que ver com a rivalidade entre os habitantes de Póvoa e Meadas e os habitantes de Castelo de Vide, que sentem sempre que estão a ser esquecidos e/ou menosprezados pela câmara de Castelo de Vide.

Posto isto, Ana Martins pediu à Águas do Norte Alentejano um relatório que provasse que a ETAR da Póvoa tem capacidade para suportar os resíduos produzidos pela população da aldeia de Póvoa e Meadas, os resíduos do Andanças e ainda para mais, se necessário, e fez com que este relatório chegasse ao presidente da Junta de Freguesia da Póvoa, para que não houvessem mais males entendidos, pois, a verdade é que na edição de 2013 a questão das descargas na ETAR da Póvoa não correu bem, por parte dos trabalhadores da câmara de Castelo de Vide que andavam a fazer esse serviço, e que não o fizeram devidamente, tendo dado assim problema. Mas, para os habitantes da Póvoa a culpa foi da organização do Andanças porque aquela ETAR não tem capacidade para tanto.

Contudo, depois ainda há as opiniões negativas que não são referidas por todos, mas por alguns, porque também tem que ver com eles pessoalmente, como, por exemplo, o caso de pessoas da Póvoa que conhecem uma pessoa que tinha para oferecer ao Andanças um serviço no qual é muito bom, porco no espeto, mas que no entender da organização do Andanças, não seria bem recebido pelo público do Andanças, pela imagem agressiva de estar um porco inteiro a rodar ao lume enquanto assa e foi por isso, uma proposta recusada pela organização do Andanças, contudo, isto não caiu bem a estas pessoas, pois, no entender das mesmas, pareceu com isso ficar clara a ideia de que o Andanças seria exclusivamente para vegetarianos, o que me fez repensar se assim seria exatamente, pois, mesmo noutras sessões de esclarecimento em que tive presente tanto na Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas, como em Castelo de Vide, procurou-se muito que houvesse por parte de quem se candidata-se a um tasco no Andanças se preocupasse com o público vegetariano, mas não exclusivamente, na verdade, o que a organização do Andanças quer que exista naquilo que os



## O Andanças e 'As Andanças'

tascos podem vir a oferecer, são pratos tradicionais do concelho, do Alentejo, como, por exemplo, a famosa boleima de maçã, o sericaia, a açorda alentejana, sopas de tomate, de cação, carne de porco à alentejana, entre muitas outras, e, se possível dando-lhes quem sabe também um apontamento contemporâneo, ser criativos e originais é o que mais ouvi pedir tanto pela voz do presidente da Câmara de Castelo de Vide, António Pita, como, pela voz de Ana Martins, responsável da organização do Andanças, tentando também que na oferta gastronómica do Andanças se reflita aquele que é o ideal e a imagem do Andanças, a tradição unida com a contemporaneidade, mostrando que é possível as duas conviverem e sobreviverem. E, no entender, da organização, porco no espeto não iria ser uma imagem agradável para o público do Andanças, não por se tratar de vegetarianos ou não, mas, porque simplesmente, no Andanças procura-se de tal modo, que o festival tenha uma imagem livre e leve, que isso seria uma barbaridade e certamente que teriam reclamações em relação a isso. Contudo, nem para todos isso foi bem aceite e por isso para algumas pessoas, a imagem do festival Andanças passou como uma imagem de que é um “festival de vegetarianos”.

Porém, não me parece que assim seja, ora vejamos, durante as visitas locais em que fui voluntária, muitos dos participantes das mesmas quando fomos em passeio até Castelo de Vide, perguntavam-me por um bom restaurante para comerem migas com entrecosto frito, ou sarapatel (comida típica de Castelo de Vide, que leva sangue de cabrito ou borrego), portanto, tudo menos vegetariano, a verdade é que o público do Andanças é um público que procura o lado contemporâneo da tradição, tanto na música, como na dança, na gastronomia e no artesanato, o público do Andanças é um público alternativo, culto, informado e mais qualificado, que procura mais sobre a identidade, mais sobre aquilo que se diferencia do geral, da maioria, por isso, o gosto pela tradição e pelas raízes culturais e históricas dos sítios, das pessoas, das músicas, das danças. O que é apoiado por aquilo que João Sarmiento (2013) afirma ao esclarecer que há algumas décadas atrás o turismo cultural não estava direcionado para as massas, porém, agora há um maior interesse por um grande número de pessoas pelas artes, arquitetura, património, arqueologia, antropologia, ciência e música, daí que também as próprias formas de fazer turismo mudem, e se tenham massificado e identifica este tipo de festivais de que fala no seu trabalho Vilar de Mouros e o Paredes de Coura como um exemplo desta massificação. Sugere algumas explicações para isto ter acontecido (o crescimento do interesse pelo turismo cultural), entre elas, a democratização do ensino e conseqüentemente o alargamento da escolarização, porque permite entre muitas outras, a formação cultural, o aumento de diplomados, principalmente em ciências sociais e humanas e na área das artes da cultura, a emergência de novas classes médias com mais poder de compra por consequência do aumento do rendimento médio e a facilidade de mobilidade tanto de pessoas, como de informação, que permite a mediatização dos produtos, mas também uma criação de cultura e de práticas culturais que estimula o consumo cultural, o que faz depois com que estes produtos aumentem o seu valor simbólico. «A cultura como experiência e o espetáculo como chave do sucesso da atração de visitantes comandam o crescendo de eventos que polvilham o país de norte a sul.» (Sarmiento, 2013: 7)

O que traz a níveis políticos e públicos benefícios sociais, e por isso, os locais agora competem entre si, o território é comercializado como um bem ou um serviço. O que explica, por

## O Andanças e 'As Andanças'

exemplo, a mediatização, o engrandecimento e a pluralização dos particularismos locais. Mas vivemos num mundo globalizado e por isso, rapidamente se criaram circuitos culturais organizados a nível internacional, mas também nacional, o que implicou uma 'dilatação' na geografia dos campos culturais. (6-8)

Mas também, não espera só o que é tradicional, mas também aquilo em que as pessoas são boas e especialistas, só para dar um exemplo claro daquilo a que me refiro, lembro-me de ouvir pedir a Ana Martins, numa sessão de esclarecimentos que houve na Póvoa, que houvessem tostas mistas, pois ela considera serem muitos boas as desta zona de Castelo de Vide. Chegou até mesmo a referir que é uma das coisas que se come lá tão bem melhor do que em qualquer outra parte do país, e quer dizer, não há uma tradição nisso, é puro e simplesmente uma coisa na qual as pessoas dali são boas e não havia ninguém no Andanças 2013 a fazer as benditas das tostas, que são boas em qualquer café ou pastelaria da zona de Castelo de Vide, no entender de Ana Martins. Outra coisa que ela falou que também não havia de boa qualidade no Andanças 2013, era um bom vinho tinto alentejano, no qual o Alentejo é tão especialista.

Portanto, como tenho vindo a mostrar, o Andanças simplesmente espera ter para oferecer gastronomia não só típica, mas também de qualidade e que seja ela também um reflexo daquilo que é ser Andanças, e, no entender da organização porco no espeto não ia de todo estar enquadrado naquilo que é ser Andanças, não por se tratar de um festival para vegetarianos ou não, mas simplesmente porque não enquadra em nada na ideologia do mesmo.

Outra opinião negativa que circula por algumas pessoas da aldeia, é o facto de ninguém praticamente ter ido à Póvoa ou sequer saber da existência da mesma durante o Andanças, e que isso pode ser obra de alguém que não quis que as pessoas do Andanças fossem à Póvoa, quando era a povoação mais próxima do mesmo, a três quilómetros, da barragem. É verdade que isto aconteceu, muito poucas pessoas do Andanças se viram na aldeia de Póvoa e Meadas, durante o festival, mas isso não foi culpa de ninguém, ou de nenhuma entidade, simplesmente, porque há várias formas de estar no Andanças. Há os participantes que passam o dia, a visitar com carro próprio as povoações à volta, que eu soubesse, por exemplo, Nisa, Montalvão, Castelo de Vide e Marvão e que regressam ao final da tarde para os famosos bailes do Andanças, isto é algo que não acontece no Freedom, e que me parece ser um dos indicadores de que o público não é o mesmo nos dois. Para além que há ainda os que se interessam pelas visitas locais e que vão nas mesmas, porque ao serem maioritariamente de manhã, permitia-lhes a tarde para irem às oficinas e programas do festival no recinto do festival, há também os que estão alojados nas povoações mais próximas e vão ao festival durante o dia e/ou para os bailes e concertos há noite, há aqueles que só saem do festival para fazerem compras no Pingo Doce em Castelo de Vide, depois há ainda os que nunca saem do recinto do festival, e, claro, há ainda todos aqueles participantes oriundos da zona que foram, um dia, uma manhã, uma noite, entre muitas outras. Como se vê, por este pequeníssimo resumo de tipo de participantes que identifiquei durante a minha estadia no festival mostra a variedade da vivência do Andanças pelas diferentes pessoas, e que certamente, tem que ver com a idade de muitas delas, a proximidade de habitação junto do festival, gostos, necessidades e

## O Andanças e 'As Andanças'

preferências naquilo que pretendem do Andanças, entre muitas outras, não há limites para o que as pessoas podem fazer com e no Andanças, e penso que, esta pequena descrição que agora fiz de vivenciar o Andanças é mais uma prova disso. Daí que seja, normal que muitas das pessoas nem sequer tenham ido à Póvoa, porque simplesmente, não esperavam que na Póvoa as necessidades de que precisavam fossem saciadas, tendo sido, o ano passado o primeiro ano do festival ali na barragem da Póvoa, pois também para os participantes do Andanças há muita coisa nova que precisam de voltar a saber e descobrir, coisas simples, como, por exemplo, imagine-se que os participantes do Andanças se apercebem de que na Póvoa, podem também encontrar serviços de talho, charcutaria e peixaria, que é oferecido pelo Super Póvoa, certamente, que a partir daí talvez lhes interesse ir até à Póvoa comprar carne e peixe, do que ir a Castelo de Vide que fica mais longe, falo no peixe e na carne, mas, outro exemplo, o restaurante Oásis, que também serve refeições, é bastante famoso na aldeia pelos bons pratos regionais que a esposa de Manuel (proprietário do restaurante Oásis), cozinheira do restaurante Oásis, confecciona, tendo já recebido prémios por isso, contava-me o João Carrilho, João Ralo e António Videira Louro, numa das vezes em que lá almocei na companhia dos mesmos. Agora imaginemos que no Andanças, os participantes são informados disso, certamente que terão curiosidade e vontade de experimentar, ou seja, o que quero dizer é que a edição de 2013 tendo sido também como um ano zero para a organização do Andanças, também o foi para os participantes do Andanças que já o acompanham há muitos anos e até mesmo para a população de Póvoa e Meadas, e o motivo pelo qual poucas pessoas do festival Andanças foram até à aldeia de Póvoa e Meadas, não foi porque alguém o assim quisesse, mas porque também no Andanças pouca informação havia sobre a aldeia da Póvoa e as pessoas chegadas a um sítio novo com tanta coisa também ela nova a acontecer, evidentemente, que não conseguiam adivinhar que no restaurante Oásis se come um arroz de cabidela magnífico ou que no Super Póvoa há talho e peixaria, ou ainda que às quartas há mercado na aldeia. Tudo isto são informações fulcrais que devem chegar ao Andanças, ao recinto do Andanças, para que os andantes possam ir até elas, e como estas foram escassas, não por falha de ninguém, mas porque, como referi, não só para organização do Andanças, como para todos, a edição de 2013 foi ano zero, foi ano de experimentar, de conhecer, de aprender, e que agora conhecidas algumas das falhas e problemas em 2014 foram corrigidas e melhoradas.

Uma das soluções sugerida por Ana Martins foi a de que haja um cartaz, um local com uma banca, mesmo na entrada do Andanças que contenha informação sobre tudo o que Póvoa e Meadas tem para oferecer aos andantes, no sentido de promover a visita à aldeia e assim levar muitos mais participantes do Andanças à Póvoa, com o compromisso de que este mesmo espaço é responsabilidade de pessoas da aldeia, que têm liberdade para fazerem dele o que quiserem. É claro que as pessoas da aldeia, também têm as suas sugestões para levar mais pessoas à Póvoa durante o Andanças, que seria tornar o acesso ao Andanças único e exclusivamente pela estrada que dá acesso à barragem que passa mesmo pela aldeia, só que isso como Ana Martins explicou não iria ser uma solução que os habitantes da Póvoa desejem tanto assim, porque o movimento iria ser exponencial e ia tirar-lhes também o sossego da aldeia, o sossego a que estão habituados, e que depois, não se iriam queixar da falta de movimento na aldeia, mas do excesso dele, e, por isso, essa

## O Andanças e 'As Andanças'

não foi a solução a que a organização do Andanças recorreu para resolver o assunto da levada de pessoas do Andanças até à aldeia de Póvoa e Meadas. Sendo assim, na edição de 2014 já existia uma tenda bem grande, Isabel Carita (filha) referia até em tom de brincadeira que podiam estar lá dentro dois carros estacionados, enquanto me contava, que a iniciativa da tenda correu muito bem, nesta tenda estava um pouco de cada associação que existe no lar, produtos do '*made by galhofas*' e uma parte da biblioteca que tinha sido poucos dias antes inaugurada na Junta de Freguesia de Póvoa e Meadas estava também uma mesinha com os licores e sabonetes que as '*Malagôs*' fazem e vendem. Havia sempre alguém da aldeia na tenda pronta para receber e conversar com os participantes do Andanças que iam até ela, na verdade, penso ter sido uma boa solução para levar mais pessoas até à aldeia, pois cheguei mesmo num dos dias em que estive na aldeia no restaurante Oásis ver chegar dois casais vindos do Andanças para almoçar. Esta medida de um local no Andanças exclusivo para dar a conhecer a aldeia realmente resultou para levar participantes do Andanças ao Andanças, mas também terem criado a principal forma de chegar pela estrada que dá acesso à barragem mesmo à entrada da aldeia também, e claro que já tendo sido a segunda vez naquele local leva os participantes a quererem descobrir mais e o que não conheceram na edição anterior, o que dá a sensação de que com o passar das edições muitas mais pessoas irão ter até à aldeia. Contudo, tanto Ana Martins, como o presidente da Junta chamaram a atenção dos habitantes da Póvoa para aquilo que também lhes é pedido, originalidade e criatividade na maneira de exporem a aldeia, os seus produtos e serviços.

Ainda sobre tudo isto, queria referir, o quão se torna evidente a intenção clara que a organização do Andanças dá ao pilar comunidade, promovendo não só através da escolha de fornecedores locais, mas também nesta situação em que está preocupado junto da população em ouvir as suas críticas e sugestões para resolvê-las e melhorar de ano para ano o festival que se pretende que seja sentido como deles, Ana Martins, numa entrevista que lhe fiz dizia-me mesmo que para a organização do Andanças só tem sentido continuar ali na barragem da Póvoa, se a população de Póvoa e Meadas sentir o festival como deles, e, segundo, a Ana Martins, na edição de 2013, pode não ter corrido muito bem muita coisa na Póvoa como a situação da ETAR e não só, mas ficou claro que a população o acolheu e quer fazer do Andanças uma coisa sua, demonstrada, por exemplo, na vontade que têm em que os andantes vão até à aldeia ou até mesmo pelo simples facto de quererem que as pessoas se sintam bem, num sítio que eles tão bem conhecem como a barragem, pois como já referi, só o facto de estarem a usar a barragem já faz do Andanças algo que quer ser acolhido pela população da Póvoa, pois assim a barragem está a ser utilizada e permanece limpa, estimada e mimada.

### Pontos positivos

João Sarmento (2013) sugere a ideia de que o sucesso dos festivais de Verão depende de alguns fatores na sua maioria, relacionados com a comunidade que os acolhe, do entusiasmo das comunidades locais, por várias razões, entre elas, é preciso que quem acolhe sinta que estes festivais são deles, daí que seja importante o entusiasmo das comunidades locais, já que os locais podem entender estes eventos como importantes para a comunidade local, impulsionando a coesão

## O Andanças e 'As Andanças'

social da própria comunidade local, talvez, porque em conjunto estão também obrigados a receber o evento; o próprio evento serve como uma celebração social em grupo da própria comunidade o que diz o autor, contribui para a construção da identidade local, neste caso da aldeia de Póvoa e Meadas, acho que este entusiasmo pode ser encontrado, quando penso na recepção com que receberam os Andamentos na aldeia ou como falam com um brilho e uma emoção no olhar da sua barragem a ser utilizada outra vez. Outra razão que Sarmiento também refere tem de ver com os fatores económicos de que há um sempre um aumento do consumo de bens e serviços, daí que o autor explique que estes festivais em áreas rurais podem representar como aspetos positivos, mas também negativos, como revelam alguns estudos, entre eles, o aumento dos preços dos bens e serviços durante os eventos, mais trânsito e a questão dos parques (também se aplica ao Andanças), para além da própria poluição que está inerente aos grupos turísticos.

O principal ponto positivo que a maioria das pessoas da aldeia tem em relação à aldeia, é o fato de a barragem ter voltado a ter uso, a ter vida e isso é algo pelo qual a população de Póvoa e Meadas está muito grata para com a organização do Andanças. Pois, voltaram a ver a barragem limpa e estimada. Muitas pessoas me referiram isso, aliás, posso mesmo dizer que todas as que entrevistei e com quem falei, me referiam sempre esse como um aspeto muito positivo e algumas delas até referiam que só por isso já valia a pena o Andanças ter vindo para a barragem da Póvoa. João Carrilho chegou até a referir numa sessão de esclarecimento promovida pelo Andanças e pela Junta de Freguesia feita na própria Junta de Freguesia da Póvoa, a seguinte afirmação, “A barragem merece muito a pena. E de que seja bem tratada e mimada”. Há um carinho que trespassa nesta afirmação de João Carrilho em relação à barragem, que chega a ser contagiante o sentimento de admiração por um espaço como a barragem, até mesmo por pessoas, como eu, que nunca antes tinham ouvido falar da mesma.

Logo, o facto de o Andanças reaproveitar o espaço da barragem e de durante o festival, a organização, os voluntários e os participantes conseguirem manter o recinto sempre limpo, sem um papel no chão como as pessoas da aldeia que foram ao festival viram e me diziam, foi um ponto bastante positivo referido pela maior parte das pessoas com quem falei, ver a barragem ser usada, ter vida e de uma forma limpa e arrumada é algo a que a população de Póvoa e Meadas reconhece e agradece em grande maioria ao Andanças. A possibilidade de terem voltado a entrar na Central Hidro Elétrica, ainda que tenha sido, por exemplo, para Abel Dias, algo doloroso, ao ver o estado da central abandonada e por isso degradada, assume que, ao mesmo tempo, quem lhe haveria de dizer a ele que depois de tantos anos voltaria a entrar ali e por aquele propósito. Todas estas pequenas coisas deram um contributo muito forte para que o Andanças, apesar dos pontos negativos mais relevantes que já referi, acabasse por ser bem aceite pela população da aldeia o festival Andanças na barragem da Póvoa.

Para além de tudo isto, a ideia conclusiva com que fiquei é que vão haver sempre muitas opiniões, como é evidente, e eu nunca iria conseguir recolher todas, mesmo se lá tivesse ficado mais tempo, mas existem sempre as mais relevantes, que são as que mais pessoas têm, e que por isso mesmo, são as que estão mais relacionadas não com pessoas específicas, mas com a aldeia e a

## O Andanças e 'As Andanças'

barragem em si, e foram essas que essencialmente referi. Mas, fico também com a ideia, de que as pessoas de Póvoa e Meadas que foram ao festival na edição de 2013 desmistificaram a sua ideia do festival e vieram de lá com uma belíssima impressão, as que não foram ainda têm dúvidas e sentem-se ainda pouco seguras com o mesmo, por isso, a melhor forma que eu penso de realmente mostrar à população de Póvoa e Meadas de que o Andanças é deles e que não precisam de ter medo, mas sim aproveitá-lo, desfrutá-lo, é as pessoas irem ao Andanças e o Andanças indo até elas (caso Andamentos), pois assim desmistificam-se coisas que ainda possam estar mistificadas, como a ideia de que é um festival só para vegetarianos ou que são drogados os participantes, e além do mais, é a maior forma das pessoas passarem a mensagem entre elas, é indo, e depois de irem, trazem as suas impressões, sugestões, e não há nada melhor para se criar uma ideia de algo, para uma aldeia, um grupo de pessoas, entre outros, do que ouvir falar quem já lá esteve e em quem podemos confiar ou não.

Portanto, a melhor forma de fazer com que o Andanças se sinta de Póvoa e Meadas, é continuar a manter a barragem viva e limpa, e que a população da aldeia o visite e o viva.

### 3.3 Pela voz da organização

Este segmento da dissertação visa contar aquilo que a organização do Andanças, neste caso, maioritariamente, diálogos e conversas, com Ana Martins, que é a responsável principal pelo festival Andanças e pela própria PX, que a mesma em nome da organização tem a dizer sobre o Andanças. Isto é bastante relevante, pois à medida que eu vou descrevendo o que me foi dito por Ana Martins, mas também, aquilo que vem escrito no livro editado pela própria PX a propósito de quando o Andanças celebrou uma década de existência, vídeos criados pela própria organização, cartazes, panfletos, folhetos e textos, vão percebendo, por exemplo, a razão pela escolha da Barragem da Póvoa e não de outro sítio, tal como, o conceito em que está firme o Andanças, os seus pilares, a carta de compromissos da PX, mostrando a relação significativa que há entre aquilo que é o ideal do Andanças e aquilo que é concretizado e chega às pessoas, durante o festival para os participantes, mas também para todos aqueles que até não chegar a semana do festival em Agosto ajudam a fazer acontecer, acolhendo-o, desenvolvendo-o e aproveitando-o.

Neste sentido, passo então a descrever o Andanças segundo aquilo que Ana Martins me contou sobre o mesmo e também sobre a aldeia de Póvoa e Meadas, e a chegada e permanência do Andanças nesta aldeia.

Ana Martins afirma que um dos principais objetivos deste festival é tentar afirmar-se neste novo local onde se instalou, pelos quatro pilares, entre eles, dança e música, voluntariado, comunidade e ambiente/sustentabilidade.

O de dança e música é descrito e justificado pela própria organização, da seguinte forma:

Queremos continuar a recuperar a vivência das danças sociais como forma festiva de coesão social, aprendendo uns com os outros, acordando a tradição e recriando-a, no Andanças que ganhou vida própria, e que contagia. (Comunicado de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa)

## O Andanças e 'As Andanças'

E, pretendem fazê-lo através do revivalismo, não do folclorismo, pois, não querem que se trate simplesmente de uma atuação em palco, mas sim, de uma experiência de prática coreográfica com toda a gente, todos os tipos de públicos. O surgimento deste revivalismo, referido pela organização como sendo um movimento urbano, é justificado por eles, segundo o contexto político que se baseia numa sociedade que tem vontade de refletir sobre o seu património, tornando-se assim uma sociedade participativa e ativa. No Andanças isto é praticado, através de oficinas de dança que vão desde géneros como as danças europeias, às valsas mandadas do Alentejo e ao Hip-hop, através de atividades paralelas, como, exercícios de yoga e relaxamento, mas também, conhecendo a região, construir brinquedos ou ver filmes, depois há ainda oficinas para crianças, oficinas de instrumentos e concertos, tudo com o intuito de promover e estimular a vontade da sociedade refletir e desfrutar do património não só do país a que pertencem, mas do mundo inteiro, uma vez que, a oferta no Andanças pode dizer-se global, no sentido que engloba não só património local e nacional, mas também global.

Como é dito, um vídeo de promoção do Andanças, por uma das monitoras de dança no Andanças, «O objetivo também é que as pessoas gostem e queiram aprender e desenvolver esta dança.» (disponível em: <https://vimeo.com/85335046> )

O pilar do voluntariado é uma das imagens de marca do próprio festival, sendo que, se baseia fundamentalmente no voluntariado, tanto a nível de apoio logístico antes, durante e após o festival, mas também, a nível de músicos e artistas que preenchem a programação durante a semana de festival, é um trabalho imenso distribuído por cerca de 600 voluntários (edição 2013), onde cada um trabalha 28 horas semanais em cada edição, tendo como recompensa senhas de refeição na cantina do festival e a entrada gratuita para toda a semana do festival, sendo que, muitos deles referem que a própria experiência de ser voluntário no Andanças só por si já é uma recompensa pelo trabalho prestado. As tarefas são variadas, de recolha e divisão de resíduos e lixo, há colaboração na cozinha da cantina, apoio de palcos, entre muitas outras, todas elas são colmatadas com a ajuda dos voluntários que são rosto do Andanças, pelos seus imensos sorrisos com que cumprem as suas tarefas, muitas delas duras, mas de uma forma genuína e simples, onde se constroem relações baseadas na ajuda e cooperação de um coletivo. O voluntariado no Andanças é sem dúvida uma das suas referências e pilar mais do que essencial para que se realiza ano após ano, com a seguinte justificação da organização:

Queremos manter o Andanças independente de poderes políticos, comerciais e financeiros; onde todos se sintam motivados a contribuir para um bem comum, não remunerados pelo seu trabalho, mas compensados de forma justa e criativa, sejam indivíduos, empresas, ou instituições públicas. (Comunicado de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa)

No fundo, o que, a meu ver, se pretende, com este pilar é mais uma vez fazer com que o Andanças seja de um coletivo, que seja de todos aqueles que neles participam, seja de que forma for.

Já o pilar ambiente/sustentabilidade vem já desde a primeira edição do Andanças, pois este festival desde o seu início que tem como princípio a sustentabilidade e o respeito pelo meio ambiente,

## O Andanças e 'As Andanças'

não só durante o festival, mas sempre. É objetivo da organização com este pilar educar para a sustentabilidade e para o respeito do meio ambiente de uma forma progressiva e continuada, para que o impacto do festival seja o menos negativo possível para o local, o sítio onde se instala e do qual necessita também para sobreviver, daí que este também seja ponto relevante e a manter para a organização. Mas também que as práticas usadas e praticadas no festival, pelos participantes, possam seguir com eles, como se de sementes se tratassem que possam dar frutos e enraizarem-se por esse mundo fora, mais uma vez, provando a intenção clara que o Andanças tem de deixar raízes, neste caso, de práticas ambientais e sustentáveis, não só localmente, mas também globalmente.

Sendo assim, o Andanças tem uma série de medidas ambientais que põe em prática no festival, sendo que, as mesmas estão maioritariamente relacionadas com os seguintes níveis, resíduos, comida, e, água e energia. Dentro dos resíduos, é objetivo do Andanças, como já em outras edições, a medida denominada "Zero descartável", e que tem que ver com a tão famosa e conhecida Caneca do Andanças, esta medida é praticada através do ideal de não haver loiça descartável no Andanças, auxiliado com um local no próprio recinto do festival denominado Canecário, onde são vendidas e/ou alugadas canecas, para que cada participante, se dirija aos vários pontos de água espalhados pelo recinto onde pode beber água potável, sem recorrer à típica e poluente garrafa de plástico, tal como, em qualquer dos tascos instalados no recinto é incentivada a venda de bebidas à pressão, ao invés das latas e garrafas, na cantina são usados talheres e pratos emprestados, normalmente, por algumas das instituições parceiras, que são após a sua utilização lavados e voltados a usar, e sempre que isto não é possível, a alternativa são copos e pratos de papel, que deixam uma pegada ecológica menos negativa que os pratos e copos de plástico. Contudo, esta é uma medida, que em todas as outras edições, até há de 2013 correu bem, mas que por ser num novo local, com público novo e numa região nova cuja ideia do zero descartável nunca existiu, é preciso educar e explicar, por exemplo, a justificação da abolição do típico copo de plástico onde sempre foram servidas imperiais, que em nenhuma romaria ou festa da zona falta. É preciso acostumar este novo público a que o Andanças se dirige desde 2013 destas práticas ambientais e sustentáveis, é mais um dos desafios que a organização encara nesta nova era na Barragem da Póvoa. Também a sensibilização para a separação da reciclagem no festival, é disponibilizada pelos inúmeros mini-ecopontos que existem por todo o recinto, para além, dos voluntários destinados à recolha de lixo no recinto, que transportam consigo, sacos de diferentes cores, as respetivas amarelo, azul, verde e preto, para que logo no processo de recolha do lixo, separem o lixo devidamente. É engraçado de referir, a propósito da separação do lixo para a reciclagem, que foi precisamente no ano de 2013, que também na aldeia de Póvoa e Meadas, foi facultado pela Junta de Freguesia da mesma, ecopontos de cartão para a população, que ao que sei, inicialmente, ficou muito entusiasmada e a aderência ao projeto foi grande, tendo-se deslocado grande parte da população à Junta para levantar o respetivo ecoponto a que tinham direito, contudo, o ecoponto que lhes foi oferecido, não correspondeu às expectativas da população, pois, pensavam ser de outro material, que não fosse de cartão e por não trazer divisórias no mesmo, como esperado, muitos deles foram devolvidos à junta e outros nem chegaram a usar, como me contou Micaela. Porém, a recolha e seleção do lixo no festival tanto por parte dos voluntários, como pela evidente limpeza do espaço da barragem durante o festival, e a



## O Andanças e ‘As Andanças’

oferta de vários mini-ecopontos pelo recinto, foram, como se pode ler no subcapítulo ‘as Andanças (pela população de Póvoa e Meadas)’, algo para o qual a população de Póvoa e Meadas que foi ao Andanças estavam bastante sensibilizados e que por isso constitui como um ponto bastante positivo do festival. Ainda dentro dos resíduos, há a medida “Zero beatas” no chão, onde se incentiva aos fumadores a usarem cinzeiros portáteis, que possam ser usados no festival, mas também no resto do ano, nas suas vidas quotidianas.

Na vertente relacionada com a alimentação, existem duas medidas, a “Zero desperdício de Comida – dose certa!” e a “Km Zero”, a primeira tem de ver com o facto de sensibilizar na cantina os participantes a servirem apenas a quantidade de comida que vão conseguir comer, e a segunda, a meu ver, não tem só que ver com o pilar do ambiente/sustentabilidade, mas também com o pilar da comunidade que irei referir mais à frente, e tem que ver com o ideal dos alimentos transformados e produzidos na cantina do Andanças serem o mais que possível oriundos da zona circundante, o que para além de realmente ter a ver com o baixo nível de poluição em relação ao transporte dos alimentos até chegarem à cantina, por ser um percurso mais reduzido, tem também que ver com o ideal do Andanças e da própria PX em deixar e produzir riqueza local.

Ainda, no que tem que ver com o consumo de água e energia, existe a medida “Zero desperdício de água”, que sensibiliza para o consumo de água e para a utilização de casa de banho e urinóis secos, a “Mobilidade sustentável como um hábito” e que sensibiliza para a utilização dos participantes de meios de transportes públicos coletivos, tal como, a partilha de boleias para os participantes, havendo até parcerias com a CP e a Rede-Expressos, a oferta de benefícios aos participantes que por estes optem, um espaço dedicado às boleias no próprio *síte* do Andanças e durante o festival no recinto. E, por fim, a “Sensibilização para energias renováveis”, que consiste em ao longo do recinto haver demonstrações simples da utilização de energia solar.

Queremos continuar a manter uma estética e uma ética próprias e a criar um espaço livre de poluições, onde se experimentam e disseminam boas práticas sociais, económicas, e ambientais. (Comunicado de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa)

Por fim, o último pilar, é o da comunidade e deixei-o para último propositadamente, por o considerar dos quatro o mais relevante para esta dissertação, aliás é nela que esta dissertação se baseia no pilar comunidade do Andanças e que tem que ver com o ideal do Andanças em querer ser um festival das pessoas que o acolhem, do local que as recebe, havendo por isso o interesse da organização do festival em trabalhar com a comunidade local, através de entidades e associações locais de ação social, cultural, recreativa e administrativa, mas também com fornecedores e produtores locais para que possam abastecer a cantina do Andanças e que tem que ver com a já referida medida “Km 0”. Este trabalho com a comunidade como a própria organização refere,

(...)Consubstancia-se na recolha e (re) descoberta de dinâmicas de coletivos, nas localidades de Póvoa e Meadas e Castelo de Vide – uma recolha vasta, que integra atos de trabalho e de festa, a presença da Barragem, numa das primeiras centrais Hidro-elétricas do país, e os seus impactos na paisagem e na economia do Concelho. (Comunicado de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa)

## O Andanças e 'As Andanças'

Como refere, Ana Martins, este pilar tem vários pontos de vista, o que tem de ver com a comunidade dita do festival, que é considerada pela mesma como global, por se tratar de um festival internacional, não só pelas danças e músicas oriundas de todo o mundo, mas também, o próprio público que vem de várias partes do mundo, tornando-o assim, um festival global, ou se preferirem, a conhecida expressão aldeia global. Para além de haver, no entender também da mesma, neste festival, várias realidades culturais, países e idades, uma comunidade que é criada no festival, durante o festival, mas que alerta Ana, é uma comunidade falsa, por ser efetivamente estacional, e com a duração de uma semana.

Para além de tudo isto, há ainda o claro objetivo da organização em o Andanças não ser, um festival isolado, quer isto dizer, o Andanças para a organização, deve ser feito com a comunidade, com a envolvência do local, não só em termos do espaço, mas da comunidade, das pessoas que o povoam e que fazem efetivamente dele mais que um espaço, um lugar. Nesse sentido, há três vertentes comunitárias e que servem de foco para a organização, nesta construção em conjunto, do festival Andanças, o cultural que tem de ver com a adequação de, por exemplo, linguagens artísticas, imaginemos o Rancho Folclórico de Elvas ir para o Andanças e apresentar uma prestação semelhantes ou até mesmo igual, às que prepara para um concurso de ranchos, não se iria adequar ao Andanças, e eles também não se iriam identificar com o Andanças, por isso, talvez, a melhor solução poderia ser a de não irem fardados, isto é, vestidos a rigor, como vão sempre, pois como, já referi antes, o Andanças baseia-se no revivalismo, não no folclorismo, e não estou com isso a menosprezar ou a valorizar um mais do que outro, simplesmente, o Andanças quer manter vivas as tradições, sim, é verdade, mas quer também que estas se adaptem às pessoas e ao tempo para que assim possam vigorar anos e anos, sem se perderem, que é o que acaba muitas vezes por acontecer, quando as tradições são estáveis e não se adaptam, porque, na verdade, deixam de fazer sentido. E esse é exatamente o oposto daquilo que o Andanças pretende. Nesse sentido, ainda retomando, o exemplo do Rancho Folclórico de Elvas, talvez o melhor fosse mesmo ir com os seus membros vestidos normalmente, ou com uma indumentária adaptada à própria etnografia que o grupo representa e com a qual se identifica, mas simples, algo que não os ridicularize e que os faça sentirem-se acolhidos e não excluídos no Andanças, para que possam mostrar aquilo em que são bons e que gostam de fazer.

A outra vertente comunitária, é de cariz económica e tem de ver com a questão de criar riqueza local, e que é considerada por Ana Martins, como uma vertente que exige à organização um trabalho brutal, pois exige muito da organização, a nível monetário, porque vejamos, na edição de 2013, a organização optou por servir leite Serraleite na cantina do Andanças, por este ser produzido no Alentejo, ainda que seja mais caro, do que outra marca, tal como, aconteceu com a carne que foi da marca CarneAlentejana. Pretendem contratar localmente produtores locais, aos quais oferecem uma quota de 30 %, isto no que diz respeito aos tascos dentro do recinto do Andanças, e aos quais também lhes é reduzido o aluguer do espaço do tasco no Andanças, para que possam fazer do Andanças, como Ana Martins, refere um "espaço de vida".

## O Andanças e 'As Andanças'

Por fim, há a vertente comunitária social, e que está relacionada com o forte desejo da organização que as instituições do concelho de Castelo de Vide, em especial, pela proximidade clara com o festival, mas não só, participem e possam ser auxiliados pelo Andanças. Sendo assim, a muitas delas foi dada a hipótese de irem gratuitamente ao Andanças, na edição de 2013 e de todos os excessos que sobravam da cantina terem sido entregues à Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide e ao Lar da Terceira Idade de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Graça de Póvoa e Meadas, para além de tudo isto, houve ainda o desconto para residentes do concelho de Castelo de Vide na compra dos bilhetes para o festival, e ainda um desconto inferior ao que foi aplicado aos do concelho de Castelo de Vide, mas ainda desconto, para todos os habitantes do Distrito que agrega o Andanças, o distrito de Portalegre.

Contudo, Ana Martins considera que a responsabilidade em ir para a Barragem da Póvoa, tem tudo o que ver com os quatro pilares que tenho vindo a descrever, como, por exemplo, o do voluntariado, que na opinião da mesma, dá para transpor, ainda que tenha também corrido riscos, contudo, no entender da mesma, a vertente mais comunitária é a mais difícil, pois isso é feito de relações que precisam de confiança para se estabelecerem e isso constrói-se com o tempo, como, me explicou Ana Martins, a forma como o Andanças surgiu em S. Pedro do Sul e lá se foi estabelecendo, naturalmente e com o tempo, gerou essas relações que por si só se foram criando e fortalecendo, o caso do Andanças em S. Pedro do Sul, foi diferente do de como chegou a Póvoa e Meadas, por isso, é também importante aquilo que Sarmento refere quando fala na capacidade dos organizadores em conseguir envolver a comunidade local, mas também os participantes do festival e os interesses da organização a resultarem para o benefício de todos, pois só com assim é possível garantir o sucesso do festival.

Quando o Andanças chegou nas primeiras vezes a S. Pedro do Sul, chegou com cerca de 340 participantes em 1996, e com os anos foi crescendo, mas de uma forma gradual, que também foi acompanhada pela própria população de S. Pedro do Sul, tendo chegado em 2005 ao número de 15 000 participantes. O que fez com que esta mesma população sentisse o Andanças como sendo deles, pois cresceu com eles. Neste caso, do Andanças na Barragem da Póvoa, ele já chega a este sítio, como refere, Ana Martins, um monstro e por isso há que trabalhar com a população do concelho este fato e fazer com que ele seja aproveitado de forma positiva, de forma que gere um sentimento de pertença para a população de Castelo de Vide, tal como, aconteceu com a população de S. Pedro do Sul, pois é muito importante para a organização que o Andanças seja aceite, reconhecido pela população como sendo uma coisa que também é deles, mas que lá está, tendo em conta, a dimensão do Andanças atualmente, faz com que a organização tenha de construir muita coisa de novo, como, as relações de confiança com novos parceiros e fornecedores, por exemplo. Como, afirma, Ana Martins, o Andanças está em redefinição a todos os níveis. Mas só assim, para a organização tem sentido fazer o Andanças na Barragem da Póvoa, junto da linda aldeia de Póvoa e Meadas, pertencente ao concelho de Castelo de Vide. E, ainda que na primeira edição o festival esteve mais próximo, mais ligado ao concelho de Castelo de Vide, a organização afirma que a povoação do Andanças, a que eles se referem, como sendo a nossa povoação é a aldeia de Póvoa e Meadas. O

## O Andanças e 'As Andanças'

que é importante de referir, pois, a população de Póvoa e Meadas, ainda não sente isso, que o festival é mais deles que do que de Castelo de Vide, aliás eles sentem precisamente o contrário, e isso é um ponto que deve vir a ser melhorado e no qual a própria organização do Andanças se tem vindo a esforçar, pois, como já antes referi só assim faz sentido para a organização manter o festival neste sítio, o que, a meu ver, mostra assim claramente, a ligação que há neste ideal com o pilar da comunidade e de como, o Andanças realmente é um festival de pessoas, para pessoas, «(...)que não se vem ver, mas sim fazer», como refere, Ana Martins. (disponível em <https://vimeo.com/85335046> )

Ainda que, como explicou, Ana Martins, o Andanças é demasiado grande para se circunscrever a uma só câmara e por isso a organização para a edição de 2014 começou desde logo a estabelecer contatos com outras câmaras. Na edição de 2013, havia ainda muita coisa a tratar e isso teve de ficar para secundário, ainda que fosse uma questão que à organização muito interessa, pois pretendem que o Andanças seja regional, e não apenas, municipal. Um pouco também na ideia da barragem que alberga o festival, e que fornece oito municípios, tal como, a água que é muito mais fluída que o homem, assim o Andanças pretende ser também, contou a Ana Martins.

A organização do Andanças tinha desde há algum tempo o desejo de mudar de local, de sair de S. Pedro do Sul, e levá-lo para outro sítio. Como me explicou Ana Martins, nunca foi desejo da organização estar no sítio onde o Andanças esteve a maior parte do seu tempo de vida, uma vez que, esse local surgiu por acidente, pois na primeira edição, o Andanças foi em Évora, na segunda e terceira edição foi no cume da Serra da Arada, no Parque de Campismo da Fraguinha, um sítio descrito por Ana Martins, como sendo, um sítio lindíssimo, mas que não tinha condições a nível de eletricidade e redes telefónicas, e que, por isso, foram obrigados a querer sair. Com isso, desceram para a aldeia de Carvalhais, só que a autarquia proibiu que se fizesse ali o festival, mas por rivalidades, um novo sítio surgiu na aldeia e acabaram por lá ficar durante quinze anos, num espaço que diz não ter beleza nenhuma, mas que nunca saíram por falta de coragem, até que a ganharam e saíram. Para além disso também relações que já estavam solidificadas, acabaram por se perder, muito porque, justifica Ana Martins, apesar de década e meia em Carvalhais, nunca conseguiram solidificar práticas de sustentabilidade e monitorização de águas, e já olhavam para a organização do Andanças como sendo os chatos que lá vêm com as ideias ecológicas e sustentáveis, e, por essa, incompatibilidade a organização achou que deveria sair e saiu. Por ser muito importante para a organização que o sítio que os acolhe também mude hábitos de vida, tornando-se mais sustentável, e isso não aconteceu, logo, quiseram sair e tentar num novo sítio.

Contudo, a escolha de um novo local para acolher o Andanças foi premeditada, e foi preciso visitar trinta e quatro sítios para se decidirem pela Barragem da Póvoa. Muitos locais urbanos possuem espaços com hectares suficientes para fazer o Andanças, mas estes são bastante monótonos no que diz respeito à flora, por exemplo, hectares e hectares sempre das mesmas árvores, e isso é algo que a organização não queria, pois procurava um local rico e variado no que tem de ver com a fauna e flora, e nisso, sem dúvida que a Barragem da Póvoa tem muito para oferecer, como, por exemplo, a presença de uma espécie de cegonhas pretas, não encontradas em

## O Andanças e 'As Andanças'

mais nenhum local no país, para além de toda a riqueza em aves, veados e javalis, é um espaço que tem para além de um património histórico, também um património natural.

Outro fator que pesou na escolha da Barragem da Póvoa para o Andanças e não outro sítio, foi o fato de visualmente no mapa se localizar mesmo no meio do país, não pender mais para o Norte ou para o Sul. Para além da proximidade com Espanha, que atrai sempre o público espanhol, que sempre foi uma quota grande de público na maioria das edições do Andanças em S. Pedro do Sul, que na edição de 2013 a organização admite ter perdido algum desse público espanhol, maioritariamente oriundo da Galiza, pela proximidade também de S. Pedro do Sul a essa província espanhola, contudo, eles contam virem a ganhar novos participantes espanhóis vindos da província de Extremadura que tem a sua capital, Badajoz, a cerca de apenas uma centena de quilómetros de Castelo de Vide. Também, locais próximos da orla marítima estavam desde início, excluídos, dando preferência ao interior, que é onde se encontram melhor as questões que interessam ao Andanças, como, por exemplo, a ruralidade, a baixa densidade populacional e o pouco desenvolvimento económico.

Para além do mais, a evidente beleza natural da barragem e da envolvente foi também fundamental para a decisão, inclusive, muitas das vezes em que tive o prazer de acompanhar reuniões, conversas e passeios com a organização pela Barragem e pelo concelho, lembro-me de ficar clara a ideia de que sempre havia um comentário por parte de alguém relativo à beleza da paisagem e da barragem, que referiam ser sempre uma constatação repetida, porque a diziam muitas vezes, mas que era justificável pois estão de tal modo rendidos à beleza da mesma que lhes é inevitável não se referirem a ela. E, que para mim, surge como uma prova clara de como a organização se sente envolvida com o local e ao mesmo tempo, muito satisfeita com a escolha que fez.

### **3.4 Pelos *andantes***

Falar de *andantes*, é falar dos participantes do Andanças, são os *andantes* ou *dançantes*, também lhes ouvi chamar assim. Neste fragmento de texto, à semelhança do que aconteceu com os outros dois incluídos neste capítulo, pretendo então dar também voz a estes sobre o que têm a dizer acerca do Andanças, contudo, a fonte de informação que usei para construir este fragmento, não é totalmente a mesma que usei para construir os dois anteriores, que foram baseados em trabalho de campo e entrevistas, pois este foi baseado segundo também diários de campo, observação participante e conversas, mas também em vídeos produzidos pela organização do Andanças e no livro também editado pela PX. É importante esclarecer isto, pois, ao contrário do que aconteceu com os outros em que eu pude sempre que ficava algo por esclarecer ou sobre o qual eu quisesse saber mais podia questioná-los, neste caso, também por não se ter tornado prioritário nesta dissertação, são apenas informações em bruto que eu ouvi, li ou observei, daí que, não possa desenvolver muito mais sobre aquilo que vou então passar a referir, contudo, também estas informações serviram para refletir sobre outras questões mais direcionadas com aquilo que também me interessa abordar, como a questão do espaço da barragem se ter tornado um lugar e de como também é encarado por eles a

## O Andanças e 'As Andanças'

mudança do Andanças de S. Pedro do Sul para a Barragem da Póvoa. Sendo assim, este fragmento de texto constitui a opinião dos mesmos sobre os seguintes temas, o que acham que é o Andanças, como o vivem, quais as vantagens e desvantagens da mudança de S. Pedro do Sul para a Barragem da Póvoa, o que têm também a dizer sobre o Andanças.

No livro *Contra danças não há argumentos. Uma década de Andanças – Festival Internacional de Danças populares*, editado pela PédeXumbo em 2006, tem o objetivo de comemorar uma década do festival, que se cumpriu em 2005, sendo que atualmente, já conta com praticamente mais uma década, tendo dezanove anos. «Desde que senti pela primeira vez a ambivalência dos espaços criados no Festival percebi que poderia ali criar um viveiro, uma estufa, com condições ideais para cultivar “o que é nosso”.» (Moura, 2006: 36)

Esta afirmação é para mim muito reveladora daquilo que recolhi que os *andantes* acham sobre o Andanças e é uma das razões pela qual muitas pessoas continuam a ir ao Andanças, pois sentem que no Andanças têm a possibilidade de se tornarem quem elas mesmas são, através de uma aproximação ao passado, à tradição, principalmente, através da dança. E de que, o primeiro Andanças é sempre o primeiro em muitas coisas, e que referem que como o primeiro não há nenhum, porque o primeiro os marca de uma forma diferente, pelo reconhecimento do sítio, porque tudo consta como um deslumbramento, dos palcos, das oficinas de danças, de como pessoas que não se conhecem aceitam e dançam umas com as outras, sempre com o maior dos sorrisos, e mesmo que não saibam os passos de dança, não é isso que importa, pois, a variedade é tão grande de danças que se dançam, que se experimentam no Andanças, que é quase inédito alguém que as dance todas bem.

Sobre o nome Andanças para um festival de música e dança internacional como o é, surge a seguinte justificação dada por um participante, que a meu ver, mostra a clara evidência de que é também entendido pelos andantes esta multiculturalidade evidente no Andanças.

E o Andanças, conforme a expressão o indica, é a dança que não pára, que não se detém em fórmulas nem se fixa neste ou naquele modelo. A dança que permite também a descoberta do outro, situe-se este no plano geográfico ou no plano histórico. A dança contaminada, salutarmente contaminada. Enfim, uma celebração da “babel” cultural que é o nosso mundo globalizado. (Tércio, 2006: 52)

É esta variedade do global localmente que faz do Andanças, para os *andantes* um local único, e de como muitos me referiram uma ótima forma de passar as férias do Verão, pois num mesmo sítio, tem-se a possibilidade de ir até África pelos sons do *kuduro*, à Ásia com as danças hindus, com o tango à América do Sul, entre muitas outras, um pouco do universo da música e da dança tradicional do mundo concentra-se num só mesmo festival durante uma semana, de uma forma espontânea, livre e natural, ao mesmo tempo, que têm a possibilidade de mergulhar no leito da barragem e apanhar uns banhos de sol. Muitas pessoas contavam-me o plano dos seus dias, como sendo a manhã para dormir, até quando o sol e consigo o calor não chegar à tenda, participar numa das oficinas da manhã ou ir numa visita local, almoçar, e descansar à beira do imenso lago que é a barragem da Póvoa ali tão perto, pois depois de almoço as temperaturas são elevadíssimas no

## O Andanças e 'As Andanças'

Alentejo, então só mesmo à sombra ou mergulhados na água, nota-se que a aderência às oficinas, principalmente, de dança que exigem um maior esforço físico, depois de almoço era reduzida e que as pessoas que nestas participavam se dirigiam frequentemente aos pontos de água ali perto para se refrescarem, inclusive, os próprios monitores das oficinas faziam paragens para isso mesmo e muitos deles diziam até que era quase impossível dar aulas com aqueles temperaturas, contudo, os palcos estão sempre à sombra, o que parecendo que não, sempre ajuda um pouco a combater o calor.

Outra questão que notei nos andantes é a questão temporal do Andanças, e de todos os festivais, no fundo, quando se gosta muito de um festival, tal como, acontece na nossa vida quotidiana quando fazemos algo de qual gostamos, passa sempre rápido o tempo, e nesse sentido, também o Andanças é referido por um dos andantes como um local, onde como ele refere, «O tempo passou pelos pés num ápice.» (Oliveira, 2006: 69) O que me parece a mim, querer dizer que o Andanças é tão agradável que passa muito depressa, e que, por ter sido algo que eu ouvi dizer por muitos *andantes* na edição de 2013, dá a ideia de que então a edição de 2013 correu bem e eles gostaram da mesma.

Mais diretamente sobre os *andantes* e não sobre a organização ou com a população de Póvoa e Meadas é o preço dos bilhetes, cuja uma conversa entre *andantes* ouvi numa das vezes em que reunia o grupo para uma visita local. Uma conversa que incluía diretamente dois andantes, mas que incluía também todos aqueles que perto deles estavam e que também iam dando a sua opinião. Então um dos andantes era do género feminino, já ia ao Andanças há muitos anos, e o Andanças é as suas férias, que prefere ao invés de ir para a praia uma semana, pois diz que ali tem um pouco de tudo, passear, descansar, divertir e aprender, tudo isso, no entender da mesma, a um preço bastante razoável, tendo em conta a oferta e tudo aquilo que a organização investe no mesmo, mostrando ser uma verdadeira conhecedora dos investimentos que a organização fez no Andanças, ao referir os gastos que ela supõe terem tido na reabilitação do espaço como a barragem, tal como, de toda a logística num novo local como aquele. Já o outro andante de género masculino reclamava com o preço dos bilhetes, referindo-se a eles como sendo muito elevados para um sítio que no seu entender está tão mal arranjado e tratado, onde não compensa o dinheiro que se paga, não justificando mais que isso a razão pelo qual está descontente com o preço do bilhete, porém, pelas variadas comparações que fez com as edições do Andanças em S. Pedro do Sul, penso que ele se tenha estado a referir a condições relativas ao espaço e infraestruturas que existiam em S. Pedro do Sul e que, no seu entender, agora na barragem da Póvoa eram más e que não deveria ser assim, com um preço de bilhete tão elevado e igual ao de edições anteriores. Comparações e questões que eu também várias vezes ouvi no Andanças, muitas pessoas, como era de esperar e normal, compararam tudo o que havia na edição de 2013 com anteriores, e muitas delas, se não mesmo a maioria mostrava descontentamento com a edição de 2013, eu cheguei mesmo a aperceber-me de casos em que muitos andantes se foram embora, por estarem fartos do calor, do pó e das más condições do campismo e duches, que foram a maioria das reclamações dos andantes que chegaram até à organização e que por isso, para a edição de 2014 foram melhoradas, o local do campismo foi num local diferente do anterior, tal como, o da cantina. Isto tudo, porque, nas edições que se realizaram

## O Andanças e 'As Andanças'

em S. Pedro do Sul, o local onde o festival assentava já dispunha de infraestruturas como refeitório e balneários, o que efetivamente, possibilitava a oferta de outro conforto que uma cantina e cozinha numa tenda não pode oferecer, e isso, surgiu como um choque para os *andantes* habituados às condições das edições em S. Pedro do Sul, pois *andantes* que nunca antes tinham estado noutras edições ficaram espantados e maravilhados com os duches montados na zona de campismo, tal como, uma cantina e cozinha montada numa tenda perto de grandes plátanos. Contudo, ainda há aqueles mesmo que indo a edições anteriores, entendem este novo local como cheio de potencial, e como chega até a referir um deles, um espaço que no seu entender possibilita fazer outras coisas que em S. Pedro do Sul não eram possíveis.

Conheci ainda um casal reformado que vai ao Andanças já há vários anos e que vai sempre uma semana ou dias antes de o festival começar, pois nessa semana antes vai conhecer as localidades que existem há volta do festival, e, por isso, na edição de 2013, estiveram acampados não na zona delimitada pela organização do Andanças para os campistas, mas, juntamente, dos campistas permanentes que estão na barragem da Póvoa, um local realmente interessante que parece uma pequena aldeia, feita de tendas e caravanas que conta com uma espécie de capela (não sei se esse será o nome que eles usam para se referirem a esse local, contudo, é uma tenda de formato semelhante a uma capela pequena e que tem lá dentro alusão a orações e santos, um local bastante interessante que deixa vontade conhecer e saber mais). Este casal ficou aqui instalado e falaram-me que adoraram estar nesse sítio, porque sentiram-se mesmo acolhidos, como se numa aldeia estivessem. Este casal utiliza o Andanças de uma forma bastante interessante, no sentido, em que o usa como pretexto para conhecer Portugal, explicam, que quando o Andanças estava em S. Pedro do Sul, aproveitavam para ir conhecer as localidades à volta e que por isso, ficaram a conhecer imenso aquela zona. Na edição de 2013, ficaram maravilhados com Castelo de Vide que foi onde passaram maior parte do tempo, referiram até que já tinham estado lá, mas nunca tinham estado com o tempo que queriam para explorarem bem a vila, da qual ficaram a gostar mesmo muito. É esta e outras formas de usar o Andanças que eu achei que tinha de vos contar também, porque acho que é uma reflexão também dos novos gostos e interesses que o turista atual tem, onde o que importa é também conhecer e aprender, muito mais do que descansar e passar uma semana na praia a apanhar sol, o turista atual é mais informado e culto, e, por isso, gosta de nas férias estimular os seus interesses e conhecimentos. E o Andanças surge como uma boa forma de fazer isso mesmo.



## Conclusão

Interpretar o espaço social e cultural do festival Andanças, foi fio condutor desta dissertação, dando conta dos motivos que levaram a organização a escolher a Barragem da Póvoa para se fixar e desenvolver o Andanças nesta barragem a poucos quilómetros da aldeia de Póvoa e Meadas, do concelho de Castelo de Vide. Motivos, essencialmente, baseados nos ideais que conduzem o festival, que vão de encontro também ao ideal que esteve na origem da construção desta barragem, e de todos os sentimentos que todos os habitantes de Póvoa e Meadas com quem trabalhei e conversei nutrem pela mesma.

Apercebi-me deste encontro de ideais, no Andanças 2013, quando numa atividade denominada *Memórias da Barragem*, participantes do Andanças e habitantes de Póvoa e Meadas sem nunca antes se conhecerem, descobriram um ponto que os unia e sobre o qual os dois podiam conversar e discutir. Um festival de dança e música tradicional do mundo encontrava agora tema e assunto com uma população na sua maior parte envelhecida do norte e interior alentejano.

A população de Póvoa e Meadas está ligada ao espaço da barragem porque na mesma se concentram memórias, histórias e experiências que conferem por sua vez grande valor emocional e sentimental ao mesmo. O festival Andanças chegado a Póvoa e Meadas em 2013, depois de já dezassete anos de festival, levou consigo a esperança, motivação e experiência de quem se mudou do local onde estava anteriormente, em busca de continuar a espalhar a vontade intrínseca deste festival em melhorar o local para onde vai, através da estrutura, pilares e objetivos em que se ergue e firma, que neste caso, é a Barragem da Póvoa, junto de uma aldeia pequena e envelhecida, perto de Castelo de Vide no Norte Alentejo.

Tendo em conta isto, levantou-se a questão de como é que o Andanças sendo tão global na sua oferta de dança e música tradicional do mundo, mas também no público, artistas e organização, nos dirigiu a um drama social revelado nas memórias coletivas e individuais da população de Póvoa e Meadas, um drama que revelou o significado, valor e ideal desta barragem até então para mim, e para a organização do festival desconhecido, sendo que, está em grande parte do domínio da população de Póvoa e Meadas. A fórmula global do Andanças descobriu à escala local um drama social.

Neste sentido, defini objetivos de pesquisa, que visaram descobrir resposta ou respostas a esta questão que se tinha imposto. Antes de mais era fundamental perceber de que forma a memória serviu de processo para garantir a experiência de memória coletiva que identifiquei nos habitantes de Póvoa e Meadas com quem conversei. Como, por exemplo, a referência consensual às hortênsias que dão conta da imagem que os meus informantes guardam na memória da barragem, ou o facto de todos referirem o Engenheiro Custódio Nunes como tendo sido uma pessoa excepcional e única para e em prol da aldeia, por ter construído a barragem que na altura servia como uma imagem de modernidade e avanço, tendo mesmo, ajudado a diferenciar a aldeia de Póvoa e Meadas, já que teve luz antes de muitas outras no país. Acontecimentos que dizem parte da memória que os meus informantes carregam amavelmente por um espaço tão inerte como é o caso da barragem.

## O Andanças e 'As Andanças'

Na verdade, o Andanças serviu como uma forma de regenerar o caráter social e coletivo que esta barragem sempre teve no poder de agregar a comunidade em seu torno, demonstrado no processo único, fulcral e incrível de financiar a sua construção. E agora é também um recurso festivo através do qual a população de Póvoa e Meadas se auxilia para garantir a sua experiência de memória coletiva do espaço da barragem, sendo que, nada disto é feito de uma forma conscientemente e propositada, a população de Póvoa e Meadas socorre-se do Andanças para conferir ainda mais valor à barragem, o que por sua vez contribui para um crescimento cada vez maior do papel da mesma para a população de Póvoa e Meadas, pois se na altura em que foi construída, o tempo e o espaço era de crise, também agora o mesmo acontece, surgindo o Andanças como uma boa alternativa a alterar isso mesmo, daí que, as pessoas se importem tanto que o Andanças tenha um efeito positivo, no sentido, de gerar economia na aldeia, diretamente para as pessoas de Póvoa e Meadas. Não é efetivamente a mesma coisa como quando a barragem permitiu dar eletricidade à aldeia através da instalação da Central Hidroelétrica ali, mas o ideal de desenvolvimento e crescimento é o mesmo. E, o Andanças fica satisfeito por isto acontecer, pois é sinal de que os seus objetivos de desenvolver o local estão a ser atingidos, proporcionando assim uma sinergia entre os dois fundamental para a continuação deste projeto onde muitos são os colaboradores, mas que no fundo só tem dois verdadeiros interessados no mesmo, o Andanças e a população de Póvoa e Meadas. Sendo assim, a apropriação social do espaço da barragem tanto pelo Andanças como pela população de Póvoa e Meadas conferiu, por isso, a este mesmo espaço o significado de lugar e identidade, atribuindo-lhe poder, pois todo o comportamento é localizado e construído a partir dos e com os espaços, o que justifica porque muitos estudos têm como referência o conceito de lugar.

Sobre a condição humana o que aprendi com este trabalho, foi o de ter descoberto e aprendido o poder que um espaço tem para o ser humano, seja, o mar, uma barragem, a casa particular, a igreja, o jardim, ou o barco. Fiquei a saber que o espaço é ponto fulcral na organização material do ser humano é certo, mas muitas vezes, ou sempre, o espaço é detentor de memórias, histórias e experiências nas quais estão alicerçados percursos de vida. Que um espaço, seja ele qual for, habitado ou não, como é o caso da Barragem da Póvoa, ainda que possa não ter significado nenhum para maior parte das pessoas, para outros é ponto estruturador e organizador das suas vidas. Percebi que não são só os espaços públicos ou as nossas casas particulares que carregam consigo significado e por isso valor. Aprendi ainda que o local onde eu estou agora sentada a escrever sobre isto seja para mim, uma mera mesa e cadeira na biblioteca de Elvas, pode representar para outra pessoa ou mais, uma infindável de possíveis significados, porque realmente vivenciou, potencializou e dinamizou esse espaço, como refere, Michel De Certeau (1998), precisamente neste momento estou-me a dar conta de que a partir de agora a inicial mera mesa e cadeira onde estou, já não vai ser simplesmente lembrada assim, mas como lugar onde escrevi grande parte desta dissertação e onde a terminei de escrever.

## Fontes

- Links

<http://www.pedexumbo.com/pt/>

<http://www.andancas.net/2014/pt/>

<http://entrudancas2014.pedexumbo.com/pt/>

<https://www.facebook.com/FreedomFestival.pt?ref=ts&fref=ts>

<http://www.povoaemeadas.freguesias.pt/>

<http://ethnoportugal.pedexumbo.com/en/>

- Folhetos

Museu de Póvoa e Meadas

Dossier de Conferência de Imprensa, Casa do Alentejo, 28 de Janeiro, Lisboa

Programação das edições do Andanças de 2013 e 2014

Programação da edição do Entrudanças 2014

- Vídeos

DVD Andanças 2013

<https://vimeo.com/85335046>

- Cartazes

Cartazes de edições anteriores do Andanças

## Bibliografia

ANDERSON, Benedict. 1993. *Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica. ISBN 968-16-3867-0.

AUGÉ, Marc. [1992] 2005. *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora. ISBN 972-8964-02-1.

AUGÉ, Marc e Jean-Paul COLLEYN. 2005. *A antropologia*. Lisboa: Edições 70. ISBN 972-44-1-1218-0.

BATALHA, Luís. 2005. "Definindo a antropologia". *Antropologia: Uma Perspectiva Holística*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/ISCSP, pp. 13-56. ISBN 972-8726-40-6.

BROUESSARD, Charlotte. 2012. *Les danses traditionnelles dans le bal d'aujourd'hui au Portugal: entre création de la tradition et négociation des identités*. Université Lumière Lyon 2, Faculté d'Anthropologie et de Sociologie. Tese de Mestrado.

COQUELIN, Sophie. 2012. *LE BAL AU PORTUGAL : ENTRE PATRIMONIALISATION ET CREATION. Le travail de l'association PédeXumbo autour des danses traditionnelles d'Alentejo*. Université de Nice Sophia Antipolis, U.F.R. L.A.S.H – Département des Arts, Section Ethnologie des Arts Vivants. Tese de Mestrado.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Quotidiano*. 3ª ed., Editado por Luce Giard. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda. [1990] 1998.

DENZIN, Norman & Yvonna S. LINCOLN (orgs.). 2000 (1994). "Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research". *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, California: Sage (2<sup>nd</sup> edition), pp. 1-44.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 1985. *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70.

GAMA, António. 1992. "Urbanização Difusa e Territorialidade Local". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, pp. 161-72.

HALBWACHS, Maurice. [1968] 1990. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice. ISBN 85-7115-038-9.

HOBSBAWM, Eric. 1983. "Introduction: Inventing Traditions", E. Hobsbawm e T. Ranger (orgs.), *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-14.

## O Andanças e 'As Andanças'

- ISNART, Cyril. 2013. "‘Contra danças não há argumentos’ A dança entre património e moral no âmbito de uma associação cultural portuguesa". *Revista Memória em Rede*. Pelotas, vol. 3, nº 8, pp. 1-17, ISSN- 2177-4129.
- LEAL, J. 2009. "O património imaterial e a antropologia portuguesa: uma perspectiva histórica". Paulo Ferreira DA COSTA (Org.) *Museus e património imaterial*. Lisboa: IMC e Softlimits, pp. 289-295.
- LEFEBVRE, Henri. 2000. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos).
- LOW, Setha M. & Denise LAWRENCE-ZÚÑIGA (orgs.). 2003. *The Anthropology of Space and Splace. Locating Culture*. Oxford: Blackwell Publishing Company.
- MASCARENHAS-KEYES, Stella. 1987. "The Native Anthropologist: Constraints and Strategies in Research". In Anthony Jackson (org.) *Anthropology at Home*. Londres: Tavistock, pp. 180-95.
- MAUSS, Marcel. 1935. "Les techniques du corps". *Journal de Psychologie*, 32, pp. 271-293.
- MAUS, Marcel. [1967] 1993. *Manual de Etnografia*. Lisboa: D. Quixote. ISBN: 972-20-1104-9.
- MISZTAL, Barbara A. 2003. *Theories of Social Remembering, Theorizing Society Series*. Maidenhead: Open University Press, 2003.
- MOURA, Luís e Alexandre MATIAS. 2006. "A minha Avó e a dele". *Contra danças não há argumentos. Uma década de Andanças – Festival Internacional de Danças Populares*. Associação PédeXumbo. pp.-35-45.
- OLIVEIRA, Gonçalo. 2006. "De fora e por dentro". *Contra danças não há argumentos. Uma década de Andanças – Festival Internacional de Danças Populares*. Associação PédeXumbo. pp. 69-73.
- PERALTA, Elsa. 2008. *A Memória do Mar: Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- PEREIRA, Paulo. 2006. "Uma outra Cultura é possível". *Contra danças não há argumentos. Uma década de Andanças – Festival Internacional de Danças Populares*. Associação PédeXumbo. pp. 9-15.
- PINA-CABRAL, João de. 1991. "Contra a tradução". *Os contextos da antropologia*. Lisboa: Difel, pp. 43-67.
- PIRES, Ema Cláudia Ribeiro. 2012. *Paraísos Desfocados: Nostalgia empacotada e Conexões Coloniais em Malaca*. Lisboa, ISCTE-IUL. Tese de Doutoramento.

## O Andanças e 'As Andanças'

PISTRICK, Eckehard & Cyril ISNART. 2013. "Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction ». *Etnográfica*, vol. 17, nº 3, pp. 503-513 [consult. 2014-09-15]. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/etn/v17n3/v17n3a04.pdf>

REINO, João Pedro N. V. Afonso. 2002. *Aldeia da Luz: Uma aldeia em 'mudança'*. Lisboa, ISCTE-IUL. Tese de Mestrado.

ROBALO, Carlos António Simões Rodrigues. 2009. *Paisagens trocadas. Postais, memórias e olhares sobre a lezíria do Tejo*. Lisboa, ISCTE-IUL. Tese de Mestrado.

ROSA, Jorge. 1997. *Póvoa e Meadas: um olhar sobre a sua história*. Câmara Municipal de Castelo de Vide.

SOBRAL, José Manuel. 1995. "Memória e Identidades Sociais – Dados de um Estudo de Caso num Espaço Rural". *Análise Social*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, XXX, 131-32, pp. 289-313. ISSN 0003-2573.

SARMENTO, João. 2007. "Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território". *Geo-Working papers* [Em linha]. Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, nº 13, pp. 5-21. [consult. 2014-03--20] ISSN: 1645-9369. Disponível em : <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/geoworkingp/article/view/443/415>

TEIXEIRA, Alfredo. 2010. "Substratos sociais do sagrado festivo". *Comunicação & Cultura*, n.º 10, pp. 57 – 72.

TÉRCIO, Daniel. 2006. "Lançar o futuro [dança e desfolclorização]". *Contra danças não há argumentos. Uma década de Andanças – Festival Internacional de Danças Populares*. Associação PédeXumbo. pp. 46-53.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*. Paris, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=fr&pg=00006>

URRY, Jon. 1995. *Consuming places*. London and New York: Routledge.

VIDEIRA, César. 2008. *Memória Histórica da Muito Novável Vila de Castello de Vide*. Lisboa: Edições Colibri.

